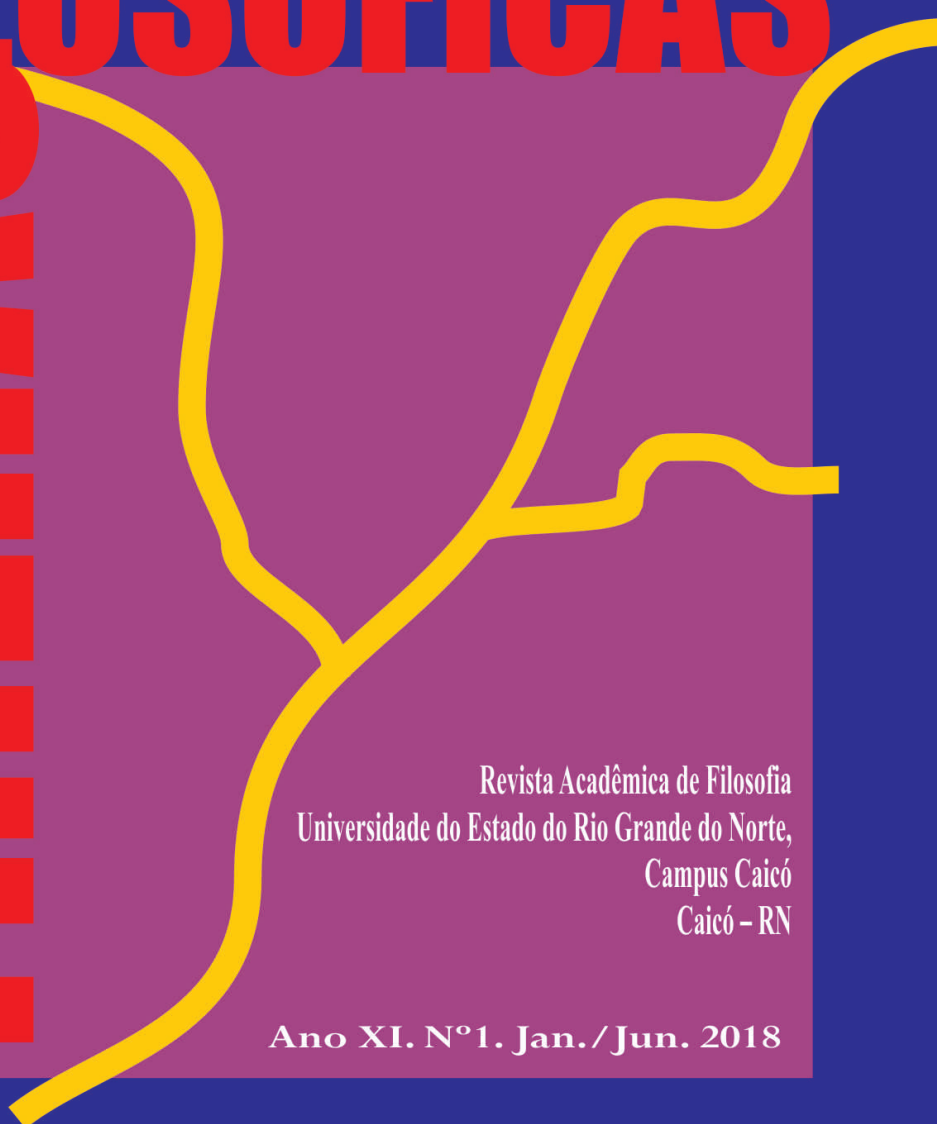


ISSN 1984 - 5561

TRILHAS FILOSÓFICAS



Revista Acadêmica de Filosofia
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Campus Caicó
Caicó - RN

Ano XI. Nº1. Jan./Jun. 2018

**incentivo à pesquisa - produção acadêmica - desenvolvimento da cultura
diálogo - democratização do saber filosófico**

TRILHAS FILOSÓFICAS

ANO XI, NÚMERO 1, JAN.- JUN. 2018

**Revista Acadêmica de Filosofia
Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação
Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Campus Caicó
Caicó – RN**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN

Reitor

Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Vice-reitor

Aldo Gondim Fernandes

Diretor do Campus Caicó

Álvaro Marcos Pereira Lima

Coordenador do Curso de Filosofia

Galileu Galilei Medeiros de Souza

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia

José Teixeira Neto

Capa

Luli Esteves

Revisão

Geane Ferreira de Lima

Contatos

trilhasfilosoficas@uern.br

Curso de Filosofia do Campus Caicó - UERN

Av. Rio Branco, s/n. Centro. CEP: 59300-000

Telefax: (0xx84) 3421-6513

Como citar este número

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. **Trilhas Filosóficas** – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó, ano XI, n. 1, páginas do artigo, jan.-jun. 2018. ISSN 1984-5561. Disponível em: < url completa >.

Acesso em: dia mês ano.

TRILHAS FILOSÓFICAS

Publicação do Curso de Filosofia do Campus Caicó/UERN, do Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação (UERN), e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), Núcleo UERN

Editores responsáveis

Marcos Érico de Araújo Silva (UERN)
Galileu Galilei Medeiros de Souza (UERN)
José Teixeira Neto (UERN)

Conselho editorial

Dax Moraes (UFRN)
Galileu Galilei Medeiros de Souza (UERN)
José Teixeira Neto (UERN)
Klédson Tiago Alves de Souza (UFPB)
Marcos de Camargo von Zuben (UERN)
Marcos Érico de Araújo Silva (UERN)
Telmir de Souza Soares (UERN)

Conselho científico

Alvaro L. M. Valls (UNISINOS)
Antonio Jorge Soares (UFERSA)
Antonio Lisboa (UFMG)
David G. Santos (UBI, Portugal)
Emmanuel Appel (UFPR)
Filipe Ceppas (UFRJ)
Fransmar Costa Lima (UMESP/ Editora LiberArs)
Gustavo Caponi (UFSC)
Iraquitán de Oliveira Caminha (UFPB)
Jorge Miranda de Almeida (UESB)
José Gabriel Trindade Santos (UFPB)
Luis Benedicto Lacerda Orlandi (UNICAMP)
Maurício Rocha (UERJ, PUC-Rio)
Miroslav Milovic (UNB)
Nythamar de Oliveira (PUC-RS)
Paulo César Duque Estrada (PUC-Rio)
Roberto Lima (UFRN)
Rossano Pecoraro (UNIRIO)
Sílvio Gallo (UNICAMP)
Ulysses Pinheiro (UFRJ)
Yésica Rodríguez (UNGS-CONICET, Argentina)

SUMÁRIO

Apresentação	7
Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe) <i>Alvaro L. M. Valls</i>	13
A paidéia kierkegaardiana <i>Marcos Érico de Araújo Silva</i>	45
Ética, alteridade e educação existencial em Kierkegaard e Paulo Freire <i>Jorge Miranda de Almeida</i>	93
Kierkegaard y Kant: educación para la ética <i>Yésica Rodríguez</i>	125
Entre o mestre e o discípulo nas <i>Migalhas Filosóficas</i> : a existência educadora em Kierkegaard <i>Fransmar Costa Lima</i>	155
Duas perspectivas sobre o professor no pensamento de Kierkegaard <i>Humberto Araújo Quaglio de Souza</i>	175
A pedagogia do travessão <i>Ramon Bolívar C. Germano</i>	197
Em torno a Simeão Estilita: da poética ascética à poética da <i>fé</i> <i>Eduardo Campos</i>	211
As dúvidas de Kierkegaard: ou sobre o legado pedagógico do romantismo alemão <i>Jean Vargas</i>	223

As ironias do conceito socrático em Kierkegaard

Gabriel Kafure da Rocha

Estela Araújo Silva

Considerações sobre estilos de escrever e de educar
filosoficamente: Kierkegaard e a antiguidade grega

Leonardo Araújo Oliveira

APRESENTAÇÃO

A revista acadêmica do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó, *Trilhas Filosóficas*, através do Grupo de Pesquisa *Filosofia e Educação*, e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) tem a honra de convidar os (as) leitores (as) para a leitura filosófica sobre a temática da Educação pensada a partir de Kierkegaard. Com este *Dossiê Kierkegaard e a Educação* a revista chega a seu volume 11, número 1, de 2018. A partir deste número a revista *Trilhas Filosóficas* procurará publicar um Dossiê, um número ao ano em que pesquisadores pensarão a Educação a partir de um determinado filósofo.

O artigo de Alvaro Valls não irá discutir algum aspecto da educação em Kierkegaard, mas propõe uma correção nas interpretações tendenciosas, equivocadas sobre a educação recebida por Kierkegaard. O fato é que Kierkegaard é apresentado como um pensador de personalidade sombria decorrente de uma formação rigorosa repleta da melancolia, tristeza e da maldição da ira de Deus que se abatera sobre seu pai. Neste enquadramento desproporcional da figura do pensador fica difícil contemplá-lo pelo que ele em realidade é. Alvaro Valls, em estilo bem kierkegaardiano, dosando ironia e humor na escrita, oferece ao leitor uma relativização dessa interpretação tão em voga, desvelando o lado positivo, alegre, saudável da educação e convivência da mãe de Kierkegaard com seus filhos. Sim! O maior filósofo do século XIX tem uma mãe! No primeiro artigo, pois, o primeiro (Reichmann foi na verdade o primeiro, mas traduziu apenas fragmentos de obras de SK) e até então único tradutor de Kierkegaard, direto do dinamarquês, no Brasil, o *membro de honra* da

SOBRESKI, sempre presente e atuante, e ex-presidente da ANPOF, oferece ao público brasileiro, pela primeira vez, uma imagem mais verdadeira da personalidade rica e saudável do filósofo de Copenhague. Alvaro Valls continuará sendo, por muitos longos anos, entre nós brasileiros, aquela “‘ave rara’ brasileira (como aquele personagem de Lima Barreto, o homem que sabia javanês) (p.7)”¹. Isto não só por causa do conhecimento do idioma dinamarquês, mas sobretudo pela sua familiaridade com a tradição filosófica.

Marcos Érico elabora uma introdução à filosofia de Kierkegaard enquanto *paidéia kierkegaardiana*. Leva o leitor à compreensão da filosofia de Kierkegaard enquanto exigência de modificação da própria existência. Educação em sentido grego, quer dizer, como *paidéia*, vinculado à ideia de *areté* configura a filosofia de Kierkegaard. Esta pretende retirar o homem da ilusão ou torná-lo atento para que possa efetivar o movimento desde si mesmo (*Individ*) para si-mesmo (*Sehv; den Enkelte*). Este movimento de singularização do indivíduo faz da filosofia de Kierkegaard uma *paidéia* em sentido grego. Para tornar isto possível Kierkegaard cria seu Projeto Filosófico, ou seus dois olhos para ver com nitidez a coisa mesma: a produção pseudônima e religiosa.

Jorge Miranda conhecido entre os estudiosos da filosofia e da educação por ter escrito o primeiro livro sobre Kierkegaard e Paulo Freire (*A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*), em seu artigo, conduz o (a) leitor (a) a pensar as exigências ético-existenciais da educação. Dialogando com Freire, Jorge Miranda, encontra um horizonte hermenêutico freiriano para pensar a educação brasileira a partir da

¹ VALLS, Alvaro. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

contribuição kierkegaardiana. Neste diálogo o autor mostra que o si-mesmo tendo se singularizado promove a libertação não só de si-mesmo, mas também do outro. É possível e, mais ainda, é necessário que no movimento da singularização aconteça a abertura para o outro, para o tu, para que o si-mesmo não se feche numa forma de desespero. A *reduplicação* kierkegaardiana e o equivalente freiriano de *testemunho* são alguns dos conceitos centrais deste enriquecedor diálogo em que a voz do outro e a dimensão ético-existencial da educação desvela criticamente o *status quo* de uma educação e prática pedagógica a serviço do poder.

No quarto artigo deste Dossiê Kierkegaard e a Educação *nuestra hermana* argentina, amiga dos estudiosos (as) da SOBRESKI, Yéssica Rodriguez, tematiza o problema da liberdade e da escolha a partir da educação como caminho para a ética em Kant e Kierkegaard. Yéssica Rodriguez dialogando com Kant sobre a questão em causa, retoma a ideia da sensibilidade e da felicidade mediada pela educação, sobretudo a partir da *Antropologia em sentido pragmático*. Traz Kierkegaard para este debate aproximando o pseudônimo B, o Juiz e esposo, de *Ou, Ou*, da posição kantiana de não exclusão da felicidade e da sensibilidade, mas reconfigurando, retomando, reconciliando a existência de modo não egoísta com a sensibilidade. O conceito de *apropriação* é central porque expressa o indivíduo situado em seu contexto histórico-social, mas ao mesmo tempo exige a *eleição* de si mesmo enquanto tornar-se si-mesmo que a *educação* possibilita. Aqui, a angústia, como ensina *Vigilius Hanfniensis*/Kierkegaard, enquanto possibilidade de poder ser, exorta o indivíduo a ser livre.

No quinto artigo, Fransmar Costa Lima, problematiza a educação em Kierkegaard como uma temática central na filosofia do dinamarquês, não obstante, sobretudo no Brasil, não ser um aspecto muito investigado

entre os estudiosos. Também evidencia uma crítica entre a educação e a pedagogia quando esta última na maioria das vezes quer assumir o papel daquela. Muito edificante a distinção kierkegaardiana entre mestre, discípulo, aprendiz, por exemplo, em que na relação com o aprendiz predomina a transmissão de conteúdo e, portanto, dependência do mestre, enquanto na relação entre mestre e discípulo implica em reduplicação, subjetividade, singularização por parte do discípulo tornando-o livre.

No sexto artigo, Humberto Quaglio, atual presidente da SOBRESKI, realiza uma problematização das traduções dos termos “mestre” e “professor” com o intuito de que estas duas perspectivas possam contribuir com o debate atual sobre o papel dos professores e a atividade dos educadores. O professor, em Kierkegaard, enquanto educador, é aquele que contribui para tornar o aluno atento sem adestrá-lo ao moldá-lo com meras transmissões de conhecimento.

No sétimo artigo Ramon Bolívar meditará sobre a educação em Kierkegaard como *pedagogia do travessão*. Expressão inspirada em *As obras do Amor*: o “traço de suspensão”. Isto para mostrar que o maior benefício que se faz para outro deve ser realizado na atmosfera da suspensão, do travessão. Do contrário, o “que”, os fatos e feitos, prevalecem sobre o “como”, a maneira ou modo de fazer, e, assim, o benefício transforma-se em malefício pelo simples fato de criar uma dependência no outro e não o libertar. A pedagogia do travessão transubstancia-se em pedagogia do amor e da graça justo por não impor nada, mas apenas por aludir, acenar provocando a liberação do si-mesmo, colocando-o no movimento de apropriação.

No artigo que segue Eduardo Campos presenteia o leitor com uma meditação a partir de *Temor e tremor* de Kierkegaard tendo a pretensão

saudável de oferecer uma chave nova de interpretação da obra. Essa perspectiva que Eduardo abre, como horizonte de pensamento, sobre o que está em causa, não obedece uma leitura dogmatista e acadêmica em sentido degenerado. Segue, porém, o estilo acadêmico kierkegaardiano do pensador subjetivo. Eduardo Campos traz o conceito de *desprendimento* de Mestre Eckhart como contraponto desta nova leitura de *Temor e tremor* seguindo o tom sugerido pelo título *Movimentos e posições*, pensado por Kierkegaard originariamente, e, também, pela atmosfera eremítica do pseudônimo que inicialmente foi cotado para ser autor da obra, a saber, *Simeão Estilista, o Velho*.

Jean Vargas problematiza Kierkegaard como educador levando o leitor (a) a dar-se conta que, na verdade, o modo peculiar e profundo do pensamento do Sócrates de Copenhague resulta justamente na dificuldade que o leitor encontra para enquadrá-lo numa corrente de pensamento ou escola filosófica. Porém é possível e necessário extrair algum conhecimento de Kierkegaard educador. Jean Vargas, então, investe numa perspectiva de pesquisa pouco estudada no Brasil, a saber: a recepção kierkegaardiana da ideia de educação romântica.

No décimo artigo Gabriel Kafure da Rocha e Estela Araújo Silva introduzem o (a) leitor (a) no socratismo kierkegaardiano a partir da *Dissertação* do Sócrates de Copenhague. Assim, no artigo, ganhará destaque a *ironia* tanto em Sócrates quanto nas visões pós-socráticas. Os autores refletem sobre a transposição da ironia antiga para a ironia controlada ou dominada no contexto do filósofo dinamarquês.

Nosso *Dossiê Kierkegaard e a Educação* finaliza com o artigo de Leonardo Araújo Oliveira. O autor analisa os conceitos de *paidéia* e *areté* na perspectiva de recolher a ideia de formação e educação para a cidadania na

antiguidade. Posteriormente, avançando na questão o autor irá procurar mostrar alternativas pedagógicas em Sócrates relacionando à compreensão que Kierkegaard tem do “sábio simples da antiguidade” culminando na comunicação indireta extraindo modos para educar e aprender existencialmente. Fazendo da pedagogia uma dialogicidade e, portanto, uma pedagogia da interioridade sensível à dimensão política.

A ideia nesta Apresentação não é resumir os artigos, mas tão só explicitar a lógica de articulação temática entre eles e, ao fazer isso, esperamos ter deixado os (as) leitores (as) esfomeados. MUITÍSSIMO OBRIGADO a todos os autores e autoras! Passemos agora ao banquete: *Bon appétit!*

Marcos Érico de Araújo Silva

Um dos Editores da revista *Trilhas Filosóficas* e Membro da SOBRESKI

**POSSÍVEIS E REAIS CONTRIBUIÇÕES DE ANE
SØRENSDATTER KIERKEGAARD, NASCIDA LUND,
À CULTURA OCIDENTAL –
(UM ENSAIO CONTRA O MITO DO FILÓSOFO SEM
MÃE)**

[POSSIBLE AND ACTUAL CONTRIBUTIONS OF ANE
SØRENSDATTER KIERKEGAARD, BORN LUND, TO THE
OCCIDENTAL CULTURE –
(AN ESSAY AGAINST THE MYTH OF THE MOTHERLESS
PHILOSOPHER)

Alvaro L. M. Valls

Professor Titular da UNISINOS (aposentado da UFRGS). Pesquisador 1 B do CNPQ. Mestrado e Doutorado com M. Theunissen na Universidade de Heidelberg, Alemanha. Traduziu do dinamarquês vários livros de Kierkegaard e, do alemão, algo de Carl Schmitt, Adorno e Habermas. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).

(E-mail: alvaro.valls@gmail.com)

Recebido em: 08 de março de 2018. Aprovado em: 09/03/2018

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Resumo: O presente artigo, em forma ensaística, não pretende expor nenhuma teoria kierkegaardiana da educação. Antes se esforça por remover alguns mitos a respeito da própria educação de Kierkegaard, e para tanto busca basicamente enfatizar o lado saudável de uma figura materna – em geral ignorada ou menosprezada pelos comentadores. Além disso, denuncia preconceitos de interpretações dinamarquesas, alemãs, francesas e brasileiras.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard. Ane Sørensdatter Kierkegaard. Georg Brandes. Casamento e procriação. Relações mãe/filho. Psicólogos e problemas psicológicos.

Abstract: The present article, in essayistic form, does not intend to expose any kierkegaardian theory of education. It rather makes an effort to remove some myths about Kierkegaard's own education, in order to which it tries basically to emphasize the sound, wealthy side of a maternal-figure – generally ignored or disdained by several commentators. Beyond, it denounces some prejudices of Danish, German, French and Brazilian interpretations.

Keywords: Søren Kierkegaard. Ane Sørensdatter Kierkegaard. Georg Brandes. Marriage and procreation. Mother/son relations. Psychologists and psychological problems.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

*“Vom Vater hab ich die Statur
Des Lebens ernstes Führen,
Vom Mütterchen die Frobnatur
Und Lust zu fabulieren”
(J. W. GOETHE)¹*

Sobre Søren Aabye Kierkegaard pesa um destino curioso: ele é um pensador que pode ser refutado sem ser lido, condenado sem ser ouvido, desprezado e ridicularizado a partir do ouvir-dizer. Uma das maiores cabeças filosóficas de nosso país explicou certa vez que não lia Kierkegaard porque este mesmo havia escrito “que não era filósofo...” Nosso colega, filósofo eminente e cidadão da Alemanha, nem se dera ao trabalho de verificar o resto da frase que estava citando: “... mas apenas um homem casado”, – o que evidentemente o obrigaria a pensar que a citação só podia provir de um pseudônimo (o Juiz Wilhelm, de *Ou – Ou II*), e não do próprio autor².

A tradição de interpretá-lo forçando a barra, ou “violentando o fenômeno” – ao contrário do modo de estudo do “observador erótico” que ele propunha no primeiríssimo parágrafo de sua dissertação sobre a ironia³ – é bastante antiga: já Georg Brandes (1842-1927), o primeiro talvez a publicar em alemão um livro sobre a vida e a obra dele, implantou um estilo

¹ “Do meu pai tenho a estatura / e o jeito sério de levar a vida / Da mãezinha a natureza alegre / e o gosto para contar estórias. “ (J. W. von Goethe, Xênias).

² “Sabes que nunca me fiz passar por filósofo... Em parte para te provocar um pouco... costume apresentar-me na qualidade de homem casado” (KIERKEGAARD, 2017, p. 181). No original: “Du veed, jeg har aldrig givet mig ud for Philosoph... Deels for at drille Dig lidt, ... pleier jeg at træde op som Ægtemand” (SKS 3, p. 166).

³ *O Conceito de Ironia* (1991), primeiro parágrafo da Introdução: “O observador deve ser um erótico, nenhum traço, nenhum momento pode ser indiferente para ele; [...] Pois, se bem que o observador traga o conceito consigo, importa, mesmo assim, que o fenômeno não seja violentado, e se veja o conceito surgindo a partir do fenômeno” (KIERKEGAARD, 1991, p. 23).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

de análise esquemática e viciada: a crítica biográfica-psicologizante. Para Brandes, podemos explicar Kierkegaard e sua obra (diagnosticando-o) a partir de três figuras: o pai melancólico, a noiva manipulada e torturada, e o jornal satírico *O Corsário*. Três influências traumatizantes, que teriam levado o genial escritor e crítico a desviar de rumo, idealizar uma religião desumana e perder seu realismo.

Georg Brandes é aquele intelectual dinamarquês que leva o mérito de ter sido o primeiro a divulgar em círculos universitários as ideias e as obras de Nietzsche, até então desdenhado pelos alemães, e Nietzsche o louva por isto. Nascido em Copenhague em 4/2/1842, Brandes residiu por vários anos em Berlim entre as décadas de 70 e 80, vindo a morrer em 1927, em Copenhague, como um crítico literário bastante renomado. Dele possuímos o famoso texto: *Nietzsche. Un ensayo sobre el radicalismo aristocrático* (BRANDES, 2004), que inclui no anexo a tradução da correspondência com Nietzsche. Ali se acha a importante sinalização de Brandes a Nietzsche sobre Kierkegaard, que podemos, para variar, copiar da tradução mexicana:

Existe un pensador escandinavo cuyas obras le interesarían mucho si pudiera leerlas en alguna traducción: pienso en Sören Kierkegaard (1813-1855), que es, según mi concepto, uno de los más profundos psicólogos del mundo. Un pequeño libro que escribí acerca de él no da imagen suficiente de su genial personalidad, porque es un panfleto polémico que fue realizado para paralizar su influencia. Creo que psicológicamente es lo más refinado que en mi vida he escrito (BRANDES, 2004, p. 102; Carta de Brandes a Nietzsche de 11/1/1888).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Como se sabe, Nietzsche respondeu em 19/2, de Nice, manifestando um propósito que infelizmente não conseguiria cumprir: “Pienso, al llegar a Alemania, empezar a trabajar en el problema psicológico Kierkegaard” (BRANDES, 2004, p. 104). O “pequeno livro”, do qual Brandes se orgulhava, embora reconhecendo seus limites polêmicos, tem muita responsabilidade pela degradação de Kierkegaard, de “um dos mais profundos psicólogos do mundo” (juízo que Jaspers endossará em várias edições da *Psicopatologia Geral*, na *Psicologia das Visões de Mundo* e em *Razão e Existência*), em um “problema psicológico”. – Em vez de aprender a análise psicológica com o genial observador da alma humana, muitos comentaristas começam a pesquisar os possíveis traumas de infância, as influências e as pressões negativas do pai melancólico sobre o espírito exacerbado do filho caçula, e coisas tais. A figura paterna tornou-se dominadora e absolutamente decisiva, enquanto a figura da mãe foi sendo completamente recalcada. Brandes intitulara seu livro: *Søren Kierkegaard: En Kritisk Fremstilling i Grundris* (*Søren Kierkegaard: Uma exposição crítica em linhas gerais*, Copenhague, 1877). Com 28 capítulos e uma introdução, valoriza muito os textos estéticos como o *Diário do Sedutor* e *In Vino Veritas*, e combate a religiosidade profunda do autor, que antes tanto impressionara o jovem Brandes, de origem judaica, que até chegara a pensar em se converter ao cristianismo. Para criticar as posições agora inaceitáveis, Brandes introduz um método biográfico-psicológico (que talvez estejamos nestas linhas aplicando contra ele mesmo).

O catálogo de J. Himmelstrup, *Søren Kierkegaard. International Bibliografi* (1962) traz a referência, sob o número 4478, da tradução para o alemão deste pequeno livro: *Søren Kierkegaard. Ein literarisches Charakterbild*.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Autorisierte deutsche Ausgabe, übers. v. Adolf Strodtmann, Leipzig 1879 (IV + 240 p.) A obra traduzida recebeu em seguida várias recensões, o que deve ter encorajado Brandes a publicar outros livros em alemão: os itens 4486, 4487 e 4488, com títulos como *Skandinavische Persönlichkeiten*, ou *Kierkegaard und andere skandinavischen Persönlichkeiten*, já no século XX. O enfoque é sempre, portanto, o das “personalidades”, ou seja, imagens do caráter, da psicologia, da individualidade destacada dos grandes escritores num mundo de figuras pequenas, niveladas e massificadas. Há que ressaltar ainda a importância para o livro de Brandes do tradutor Adolf Strodtmann. Ficaram muito amigos, em Berlim, um foi hóspede do outro, mais velho, e acabou ficando até com a esposa do anfitrião, num arranjo ótimo para todas as partes. Continuaram a colaborar, e enquanto Adolf, que fora prisioneiro de guerra na Dinamarca, publicava sobre a Escandinávia orientado por Brandes, este penetrava com ajuda de seu tutor nos círculos críticos e culturais alemães.

A partir daí, das contribuições do crítico literário e cultural G. Brandes, com suas análises relacionando psicologia e obra produzida, surge a tradição da imagem mítica, lendária, do sinistro Severino Campo-Santo (“Kierkegaard” = Cemitério), o descabelado pensador dinamarquês, genial, excêntrico, “hamlético”, desequilibrado, educado nos terrores de um cristianismo da cruz e do sangue vertido em favor dos pecadores, um ser humano criado totalmente guacho (como um terneiro sem mãe) por um melancólico ancião, deveras inteligente, mas remoído por um desmesurado sentimento de culpa. Um pai que teria sido um pecador desde menino, e que logo adiante enriquecera de maneira assombrosa, tivera um primeiro casamento infrutífero, imensamente vantajoso em termos financeiros (pelo

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

dote da noiva, irmã solteirona – com 36 anos – do sócio da firma: “Com um capital próprio de 568 táleres do banco real, Kirstine era um bom Partido”, conta J. Garff (2000, p. 4.)⁴, e que ao enviuar engravidara a mãe de Kierkegaard antes de casar com esta, ou talvez, quem sabe, até mesmo antes de enviuar (adúlteros! não teriam respeitado a pneumonia da esposa legítima)...

Já vimos escrito em teses de doutorado que Søren Aabye teria seus complexos psicológicos (angústias ou supostos desequilíbrios) por ter nascido uns 5 meses após o casamento dos pais (coisa bem difícil e até improvável, para um sétimo filho, parido 4 anos após o sexto irmãozinho, e 16 anos depois da irmã mais velha, já que Maren Kirstine era do 7/9/97, e Niels Andreas de 30/4/1809).

Quanta bobagem há nestas lendas! Nossa intenção aqui não é criar novas lendas diametralmente opostas a esses mitos. Nem demonstrar, por exemplo, que Søren deveu sua personalidade e sua obra à mãezinha analfabeta; longe de nós tal absurdo! Mas gostaríamos sim de relativizar tais mitos, colocá-los nos devidos lugares. Gostaríamos de iniciar aqui a remoção de alguns destes mitos, ou, pelo menos – e já nos bastaria – tentar levar os leitores a meditar melhor sobre a questão da relação da situação psicológica de um autor com sua obra. Diferenciar o autor psicólogo do escritor psicologicamente problemático! Para isto, queremos tentar ver, imaginar e entender as situações.

Só para adiantarmos um aperitivo: Kierkegaard tinha mãe, sim senhores, e se ele viveu 42 anos, até seus 21 anos (a exata metade de sua

⁴ “Med en egenkapital på 568 rigsbankdaler var Kirstine et godt parti...”

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

vida, primeira e decisiva para a educação da personalidade) a mãe estava bem viva e dentro de casa, cuidando do marido e dos filhos. Fora uma pobre camponesa da Jutlândia, todos já ouviram dizer, mas em geral esquecemos de que o pai de Kierkegaard fora também, até os 12 anos, ou algo assim, um paupérrimo camponês dessa mesma Jutlândia. Topamos com uma daquelas “ilusões de óptica ou de acústica”, tão criticadas pelo filósofo, quando o professor honorário da Sorbonne Jean Wahl (que no dizer de Henri-Bernard Vergote “sabia tudo o que os alemães já haviam escrito”) escreve, escandalizado, preocupado com a cena pecaminosa, que “o velhote desposou a criada”, grávida! Uma ilusão acústica? Só precisamos de um pouco de ciência exata, da matemática mais elementar, para desmontar tais quiproquós.

“O VELHOTE CEDEU À CARNE E TEVE DE CASAR COM SUA EMPREGADA...”

Se Michael Pedersen Kierkegaard nasceu em 12/12/1756 e seu sétimo filho em 5/5/1813, é lógico que ao completar este último seus 13 anos, e chegar à adolescência em maio de 1826, seu “*old man*” já estava chegando aos 70, e era bem velho, pelos padrões da época. Søren era, de fato, filho de um velho; só que, em 26/4/1797, ao contrair suas segundas núpcias, com a “*servanté*” (na expressão de Jean Wahl) o assim chamado velhote (“*vieillard*”) ainda gozava, se a matemática vale para todos, de seus 40 anos. Ora, quando Søren morreu com 42 anos e meio (em 11/11/55) ninguém o considerava um ancião ou velhote, mas muitos estranharam que

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

morresse tão jovem. (Nem tanto, aliás: 5 dos irmãos faleceram com menos idade!) – Voltando ao caso do pai: tendo vindo para a Capital, pelos 12 anos de idade, depois de uma vida ao ar livre, cuidando de ovelhas, e tendo se dedicado ao comércio de lãs, o que não chega a ser uma atividade estafante, tendo se expandido nas lides de um comércio internacional florescente e enriquecido de forma espantosa, um homem de 40 anos 4 meses e 14 dias não merecia, convenhamos, ser chamado de “velhote” (“*vieillard*”), como se fosse um Abraão deixando morrer Sara e desposando a serva Agar, de baixa condição. Aliás, por rico que fosse, o ex-camponês não era um príncipe, provavelmente não seria reconhecido pela fina flor da sociedade de Copenhague como se fizesse parte da chamada “*bedre Portion*” (“a parte melhor”, como o explica Bruce Kirmmse (1990)), a elite cultural da Capital do Reino. Há que dar, então, um bom desconto à expressão infeliz de Wahl, sobre a falta, o pecado e a miséria deste pai, suposto ser tão espiritualizado, que teria infelizmente cedido à carne de modo vergonhoso. Nos *Études Kierkegaardians*, escreve ele que Søren Kierkegaard um dia

[...] veio a saber da falta de seu pai e de sua miséria – falta dupla: o jovem pastor nas planícies desoladas elevou sua voz contra Deus, amaldiçoou Deus; e o **velhote** cedeu à carne e desposou **sua empregada**. Duas faltas contra o espírito, da parte daquele que era para ele a encarnação do espírito (WAHL, 1974, p. 8, grifo nosso, tradução nossa)⁵.

⁵ No original: “[...] a appris la faute de son père, et sa détresse – double faute: le jeune pâtre dans la lande désolée a élevé sa voix contre Dieu, a maudit Dieu; et le vieillard a cédé à la chair et a épousé sa servante. Deux fautes contre l’esprit de celui que était pour lui l’incarnation de l’esprit”.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Deixemos sem discutir aqui o pecado do pobre garoto, que, sofrendo os rigores do frio e da fome, rebela-se contra um Deus impiedoso, sobe num morrinho e levanta a mão ameaçadora contra o Criador. Melhor nos concentrarmos com prazer naquele pecado da carne, que teria consistido no desposar urgentemente uma criada. Convenhamos que o professor Jean Wahl, ao escrever tal coisa nos idos de 1938, bem pode ter deixado sua censura contaminar-se por algum insidioso preconceito socioeconômico. O “velho” rico e poderoso teria sido obrigado a casar com a empregadinha, já prenha, da falecida. O que seria, porém, pior: um assédio de patrão contra uma empregadinha doméstica indefesa? Nascida em 18/6/68, a “pequena Ane” deve ter engravidado, aos 28 anos e meio, do viúvo Michael quando este completava, em inícios de dezembro de 1796, exatos 40 anos. Ou será que Wahl supõe, subconscientemente, que a vergonha fora ter ido para a cama com uma humilde serviçal, não como “um rei que se apaixona por uma mocinha de condição humilde” (ver a respectiva fábula das *Migalhas Filosóficas*), mas sim como um “velhote” rico que voluptuosamente atira-se ao catre de uma pobretona, baixinha e gordinha, de olhos saltados? – Quanta falta de gosto, antiestética e antieconômica, quanta tesão reprimida, quanta libido explodindo tão fora de hora e lugar! No quarto da criada, nem bem passados 9 meses da morte (em 23/3/96), da sempre lembrada Kirstine Nielsdatter, nascida Royen!

Consideremos o contraste com a patroa, que não dera filhos a Michael Pedersen. Haviam casado no mês das noivas, no dia 2/5/94, e estiveram juntos por 22 meses e meio, o que, no ritmo conjugal das segundas núpcias teria permitido ao menos um filho. – Já a sequência dos partos da pequena Ane foi bem diferente: Maren Kirstine, a primogênita,

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

com um dos nomes a homenagear a falecida esposa do pai e antiga patroa da mãe, nasceu aos 4 meses e meio de casados desses, que nem tinham podido esperar o mês das noivas, oficializando a união, com contrato pré-nupcial, aos 26 de abril: é que havia pressa! Após a primogênita, duas outras meninas, num bom ritmo, uma a cada ano ímpar (em 25/10/99 Nicoline Christine e num outro 7 de setembro, o de 1801, Petrea Severine, batizada em homenagem a ambos os avós, paterno e materno). Aí os pais deram um tempo e foram morar fora da Capital com as três meninas. Mas antes de 4 anos, no castelinho rural da família, Peder Christian, o futuro bispo, inicia em 6/7/1805 (ano ímpar) a linhagem masculina. Temos Peder em 1805, Søren Michael em 1807 (23/3, homenageando avô materno e pai) e Niels Andreas em 1809 (30/4). Fechando esta série de três meninos, que harmonizou com as três mocinhas, o sexto filho foi destinado ao comércio, como o pai, e enviado mais tarde à América para exercitar-se no comércio internacional, vindo a morrer porém em Nova Jersey, aos 24 anos, em 1833).

Com três meninas já mocinhas e três garotos pequenos, Michael e Ane deram mais um tempo, ou haviam resolvido parar, e o agora senhor maduro, bem aposentado, e sempre mais rico (apesar de seus esforços contrários), adquiriu por estas alturas um casarão bem no centro da Capital, onde então a família foi surpreendida, quase exatos 4 anos após o nascimento do sexto filho, com a chegada do filhotinho tardio, o serôdio Søren Aabye, aos 5/5/1813. Seu prenome homenageia mais uma vez o avô materno, e o nome do meio um contraparente grã-fino que desapareceu da história. O pequeno Søren parece ter vindo ao mundo meio sem

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

planejamento, já bastante atrasado, e pelo menos serviu de lição para que doravante os pais dessem preferência à educação, mais do que à procriação.

ANINHA, A MÃEZONA

Quando um professor da Sorbonne fala da mãe de um pensador chamando-a de “*servante*” pode estar sendo preconceituoso. Ora, direis, Kierkegaard nunca escreveu uma linha sequer sobre sua mãezinha! – E o que é que isto prova? A mãe da gente não é um assunto pessoal, privado? Para que expô-la à boca das multidões? – É, mas ele talvez a escondesse, por vergonha dela; – ou não! – Mas, dirão ainda, Peder nos conta que ele estava ausente quando ela morreu; é verdade, há que examinar esta questão, na hora adequada. Contudo, perguntamos, por que é que os intérpretes-biográficos não se detiveram sobre a vida dela, a partir dos dados que já existem, em quantidade suficiente? Parece ser uma interessante e instrutiva questão.

Na vida de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, destacam-se três fases: a primeira, de solteira, encerra-se pelos 29 anos de idade: a segunda, dos sete partos bem sucedidos, de 7/7/1797 a 5/5/1813, dura 16 anos; depois, dedicados ao lar e à família, uns 21 anos como mãe de sete, dois dos quais morrem quando ela tem cerca de 50 anos (Søren Michael aos 12 anos, num acidente escolar, em 1819; e Maren Kirstine aos 24 anos, solteira, em 1822). São 67 anos de uma vida bem aproveitada. Primeiro, a pobre e trabalhadora Aninha; a seguir, a cômica do comerciante bem sucedido; por fim, a matriarca dos sete filhos, que ainda viu sete (ou 8)

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

netos, de suas filhas, casadas com os irmãos de Peter W. Lund. A imagem que vem à mente é a da galinha rodeada de pintos.

Existe desta última fase um retrato pintado (demonstração burguesa de status) de Ane Kierkegaard, e isto não é um fato banal. Homenagem mais previsível seria que, no batismo, alguma neta tomasse o nome da vó: e de fato, a filha número 3, Petrea Severine (que transmitirá ao quarto filho o nome composto Peter Severin), batizou sua primogênita como Anne Henriette Lund (honrando o nome da avó materna junto ao do pai, Henrik Hansen Lund). Esta, a mais querida sobrinha de nosso pensador, 16 anos mais jovem que ele, ficou conhecida pelo segundo nome. Parece uma personalidade cativante. Sua relação com o tio mereceria ser bem melhor estudada. Estamos sugerindo que teremos muito a aproveitar quando alguém pesquisar as relações altamente positivas e saudáveis de Søren Kierkegaard: com o querido mestre e amigo Poul Martin Møller (da dedicatória fascinada e fascinante do *Conceito de Angústia*); com o companheiro de estudos e fiel amigo de infância Emil Boesen; e com a sobrinha Henriette Lund. A netalhada (Kierkegaard-)Lund era composta, aliás, de 6 meninos e de duas meninas: Sophie Vilhelmine e esta nossa Anne Henriette (“*Jette Lund*”). Voltando à avó Ane (Lund por um outro ramo), diga-se que ela foi sogra de um comerciante de têxteis e de um importante executivo do Banco Nacional. Só não chegou a conhecer nem a primeira, nem a segunda esposa de Peder Christian, e tampouco o neto que veio deste segundo casamento, Pascal Poul.

Anna Henriette tinha 5 anos quando a avó faleceu. Passemos então o quadro, o retrato pintado da esposa do rico comerciante. Vemos aí uma senhora muito bem vestida, gordinha sem ser propriamente obesa. Cabelos

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

escuros e cacheados, olhos firmes que se dirigem direto ao pintor ou ao espectador do quadro, e ao mesmo tempo bondosos, suaves e quase alegres; a boca, suavemente fechada, parece esboçar um sorriso, emanando alegria de viver; o olhar sugere algo da cumplicidade de quem conhece e valoriza as coisas boas da vida. Exteriormente, a figura lembra a personagem da sogra de Mozart, no filme *Amadeus*, a mãe de Constança, mas Ane Sørensdatter é discreta, e não impertinente como aquela que teria inspirado a ária da Rainha da Noite. Não, Ane Kierkegaard parece mesmo uma mulher tranquila, que sabe fazer tudo o que é preciso. Uma mulher que decerto pensa no marido, na casa e nos filhos, e nos netos. Uma mulher feliz, com jeitão de amigona. É gordinha, mas tem pescoço, seu queixo arredondado destaca-se da gola rendada, seu rosto está envolto levemente por uma touca de babado que lhe dá um ar burguês, nada aristocrático: uma senhora burguesa, da primeira metade do século XIX, bem de vida e de bem com a vida, alegre com seus sete filhos e seus oito netos. Quando bem observada, é simpática, embora à primeira vista seus olhos avancem sobre o observador. Fato relevante, sua imagem não mostra nenhuma joia, nem colar, nem brincos, nada (talvez uma marca da tradição pietista?), vemos apenas sua pele macia e arredondada, a testa graúda, e as vestes de tecidos coloridos. Seu único adorno, além das vestes, é o cabelo escuro nos dois ângulos da testa generosa. Uma mãezona, diríamos hoje. Podemos até imaginá-la doente, mas sempre pensando antes nos outros do que nela mesma. Generosa, sem dúvida.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..



A mãe do filósofo

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Como fora, porém, a infância da pequena Ane? Pelos relatos que chegaram a nós, ela teve uma infância bem pobre e uma adolescência e mocidade de múltiplos serviços. Aproveitemos a descrição que J. Garff nos dá de sua infância e juventude:

Ane nasceu em 18 de Junho de 1768 como a filha mais jovem de Maren Larsdatter e de Søren Jensen Lund, o qual consta ter sido um homem alegre e engraçado [*munter og skjemtsom*] de Brandlund, na Jutlândia central. Possuíam uma vaca e quatro ovelhas e foram além disso abençoados com dois filhos e quatro filhas, das quais uma se chamava Mette e as outras três Ane, Ane e Ane. A escolha dos nomes poderia provocar alguma confusão, e então, para simplificar, chamavam a mais moça de “Aninha” (Pequena Ane). Após sua Confirmação, esta viajou para Copenhague e ficou primeiramente a serviço de seu irmão, Lars Sørensen Lund, que casara com a viúva de um destilador de aguardente e portanto com a destilaria em Landmærket; mas os negócios eram tão miseráveis que Ane em breve se transferiu para a casa de Mads Røyen, de onde em 1794 foi passada adiante [*blev sendt videre til*] ao recém casado Michael Kierkegaard. Com sua família parece que Ane quase não teve mais contatos. Quando sua filha foi batizada, Lars ainda foi um dos padrinhos, porém no batismo da segunda filha o séquito era mais ilustre, e por isso o irmão destilador de aguardente não estava presente. A julgar pelas poucas fontes, ela deve ter sido uma mulher simpática, pequena, redondinha, de ânimo simples e alegre. É verdade que não sabia escrever bem, e precisava de ajuda para assinar documentos oficiais. Talvez soubesse ler um pouco, mas não terão sido leituras profundas, os poucos livros que ela possuía eram os *Salmos e as Rimas Históricas de Hagen para o Ensino das Crianças* (*Hagens Historiske Salmer og Røm til Børnelærdom*) e a *Harpa de Sião, um presente de Natal para a Comunidade Cristã*, de Lindberg (*Zions Harpe – en Jule-Gave til den christne Menighed*) com canções de, entre outros, Kingo, Brorson, Ingemann, Grundtvig e

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

do próprio Lindberg (GARFF, 2000, p. 5s, tradução nossa).

Nos dias de hoje, em que o trabalho infantil e de adolescentes está proibido, não deixaríamos passar em brancas nuvens a questão de saber que tipos de serviços a pequena Ane teve de prestar, primeiro na casa pobre de seu irmão Lars, decerto serviços de limpeza na casa e na destilaria, carregar água, arrumar quarto(s), preparar o alimento, coisas tais. Transferida para a casa de Mads Royen, sócio do pai de S. A. Kierkegaard, o nível econômico subiu bastante, pois os sócios enriqueceram juntos, e eram adultos sem filhos, ocupados somente nos negócios. Ane por certo servia a irmã de Mads, Kirstine, que apesar do dinheiro ia ficando solteirona. Seria graciosa, atraente? Quando esta casou com o sócio Michael P. Kierkegaard, há de ter sido a coisa mais natural a transferência de Ane para o lar da recém-casada. Kirstine, porém, não sobreviveu 2 anos, e não se sabe por quanto tempo esteve doente. Não podemos saber, por conseguinte, se a pequena Ane, agora com uns 26 anos, cuidava da faxina, se preparava e servia as refeições, e se eventualmente servia de enfermeira improvisada ou cuidadora da patroa enferma. É de se supor que ela era de fato um faz-tudo, ao dispor da patroa, dez anos mais velha, e rica. Ane era do interior, da Jutlândia, mas agora já trabalhava em Copenhague havia mais de dez anos. Podemos supor que soubesse tratar bem uma pessoa doente, pois mais tarde, dos sete filhos que lhe nasceram, todos chegaram à idade adulta, com exceção daquele que morreu na escola (fora de casa, longe das vistas da mãe). Cuidados de saúde eram muito importantes, na primeira metade do século XIX, pois a medicina era precária.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Quanto ao casal dos patrões da pequena Ane, as relações parecem não terem sido as ideais. Diz Garff que os círculos dos comerciantes eram bastante próximo, de modo que:

[...] ninguém se surpreendeu com o fato de que Michael Kierkegaard em 2 de maio de 1794 se casasse com Kirstine Nielsdatter, a irmã de Røyen. As pessoas achavam que já estava na hora, pois ele já tinha 38 e ela era um ano mais nova. Com um capital próprio de 568 táleres do banco real, Kirstine era um bom partido; contudo, o que os dois sentiam um pelo outro, ninguém sabe; na certidão de casamento anuncia-se apenas o fato nu e cru: “Michael Peter Kiærsgaard, negociante de lãs, e Kirstine Røyen assumiram uma união no dia 2 de maio na Igreja do Espírito Santo”. O casamento durou menos de dois anos. Kirstine morreu em 23 de março de 1796 de uma pneumonia e três dias depois foi enterrada no Cemitério da Assistência (GARFF, 2000 p. 5s, tradução nossa).

Talvez possamos tecer algumas conjecturas sobre a relação do casal a partir dos sentimentos do viúvo que mais tarde, quando se lembrava da falecida, sentia fortes remorsos. Conta P. Mesnard, numa nota de *Le vrai visage de Kierkegaard*:

(1) A morte da primeira esposa é do dia 23 de março de 1796, as segundas núpcias do 26 de abril 1797, o nascimento de Maria Cristina do 7 de setembro de 1797. O remorso do velho comerciante de lãs parece ter seguidamente revestido a face de sua primeira esposa: logo que esta lembrança se impunha a seu espírito, a gente o ouvia então bater no peito, e ele fazia distribuir por intermédio de Mynster grandes somas de

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

dinheiro aos pobres de Copenhague (MESNARD, 1948, p. 64, n. 1, tradução nossa).⁶

Chama a atenção o fato de o remorso do viúvo em relação à falecida se expressar diretamente na forma de uma penitência monetária: doar aos pobres “grandes somas de dinheiro”! Isto parece indicar que o viúvo, recasado e agora cheio de filhos, não se arrependia tanto por ter recomeçado logo sua vida e conseguido realizar seus ideais patriarcais, mas mais provavelmente se arrependia do tipo de relação que mantivera com a primeira esposa. Se o perdão de Deus, ao lembrar da primeira, se ligava a grandes somas de dinheiro dadas em penitência, é lícito e lógico imaginarmos que a culpa se relacionasse também ao dinheiro: que o primeiro casamento ou tivesse sido motivado por interesse econômico (o belo dote da irmã do sócio, talvez o reforço de sua posição nesta sociedade, talvez a ascensão social que tal união prometia), ou então, segunda hipótese, compatível com a primeira, que o viúvo se arrependesse por não ter dado a devida atenção à primeira esposa, tivesse talvez deixado o primeiro casamento acabar infrutífero e curto por um certo desinteresse pela mulher e um cuidado exagerado e unilateral com os negócios lucrativos. Um casamento que fracassa, com a morte da esposa aos 22 meses, sem deixar filho, mas deixando uma boa herança em dinheiro, bem pode provocar remorsos, até pela comparação com os bons resultados em termos familiares na segunda união. O segundo casamento não visou à riqueza de

⁶ No original: “La mort de la première femme est du 23 mars 1796, les secondes noces du 26 avril 1797, la naissance de Marie-Christine du 7 septembre 1797. Le remords du vieux bonnetier semble avoir souvent revêtu le visage de sa première épouse: lorsque ce souvenir s'imposait à son esprit, on l'entendait alors battre sa coulpe, et il faisait distribuer par Mynster de fortes sommes d'argent aux pauvres de Copenhague”.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Ane, pelo contrário, mas foi rico, muito rico em filhos, saúde e tranquilidade doméstica. Uma mulher simples e forte, que consegue educar, sem grandes luzes intelectuais próprias, sete filhos, sem perder nenhum nos primeiros dez anos de vida, naqueles tempos, era uma fortuna toda especial.

Nem podemos esquecer que Michael P. Kierkegaard agora largara o comércio, vendera a loja a seus parentes, e podia (aposentado após 30 anos de trabalho) dedicar-se aos assuntos de moradia, de educação intelectual, de escolaridade para os filhos (tal como ele próprio não tivera), colocando-os nas boas escolas da capital, enviando um ao exterior, e conseguindo dois filhos “doutores”: um bispo importante e um pensador mundialmente conhecido. Michael Pedersen tinha agora tempo para comprar casa no campo e depois no centro da cidade, além de ter podido dar uma boa ajuda aos irmãos da Jutlândia, em termos imobiliários. Tinha tempo para a mulher, apesar da distância intelectual que se alargava entre os dois, ela cuidando da casa e da prole e ele com tempo para longas discussões com seu pastor (depois bispo) Mynster, uma das principais cabeças da Capital, da Igreja e do Reino. Com tempo e dinheiro, podia ler e estudar à vontade, desenvolver sua inteligência privilegiada, e ainda relacionar-se com a família Lund, casando duas de suas filhas com dois dos três irmãos Lund, gente importante, em termos econômicos e universitários. E todo o tempo ele tinha a esposa Ane cuidando das crianças: situação patriarcal e idílica, que decerto lhe provocava remorsos, à lembrança de seu primeiro casamento. – Detalhe importante sobre a nova relação conjugal deste comerciante que tanto valorizara o vil metal: já em 1802, antes até do nascimento dos filhos varões, o paizão redigiu um

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

testamento agora bem mais generoso (“*mão-aberta*”) para com a mãe das meninas do que o fora o contrato pré-nupcial.⁷

Para concluir este ponto: se Pierre Mesnard tem razão aqui, o dinheiro dado em penitência (“fortes sommes d’argent aux pauvres de Copenhague”) estaria relacionado diretamente à lembrança do casamento frustrado, mais que à dramática cena de revolta contra Deus do pastorzinho da Jutlândia. Se realmente intervinha a lembrança da falecida, então as grandes somas de dinheiro não seriam, não em primeiro lugar, para devolver ao Deus ofendido pelo menino faminto o dinheiro que o Todopoderoso lhe estaria agora concedendo sadicamente, enquanto preparava a terrível vingança de sua divina ira. Conclusão que se pode tirar deste contexto é que a casa dos Kierkegaard, com sua abelha-rainha, alegre e saudável, foi na verdade, por mais de trinta anos, apesar das excentricidades (comuns, aliás, a outras muitas famílias, como a dos Lund) um lar bastante normal, saudável, promissor, por certo barulhento, com moças ajuizadas e meninos que brigavam como irmãos, e um caçulinha mimado (criado por quatro mulheres – o dobro de Da Vinci: mãe e três irmãs com mais de 12 anos de diferença dele – e de resto nem discutimos se havia ainda alguma babá ou outra “*servanté*” nesta casa), um caçula irritadiço, implicante, e que se grudava amuado à saia da mãe quando não lhe faziam as vontades⁸. Apelido: “o garfinho”, ou “o forçado”! Se uns comentadores lembram de Isaac prestes a ser sacrificado pelo idoso Abraão, para pintar a situação de Søren, por que não poderíamos aproximar este caçula da figura de José,

⁷ “Da pater familias i 1802 skrev testamente, var han da også langt mere rundhåndet end i ægtepagtens tid.” (GARFF, 2000, p. 6.)

⁸ Um testemunho sobre sua infância: “As usual, Søren sat in a corner and sulked” (KIRMMSE, 1996, p. 3).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

filho de Raquel, serrana bela, como o preferido e mimado do pai Jacó, a provocar ciúmes nos irmãos mais velhos (como se lê na versão de Thomas Mann de *José e seus irmãos*)?

A MÃE DA PROLE BRILHANTE

Só na década de 30, vinte anos após o nascimento do filósofo, é que o idílio dará ares de hecatombe: até então, só havia falecido um mano, num acidente escolar, e a primogênita, solteira, aos 24 anos; sobravam, pois, 5 irmãos, um dos quais iria preparar-se para o comércio exterior nos Estados Unidos, vindo a morrer em Nova Jersey, em 1833. As outras duas moças estavam casadas, mas Nicoline Christine morreu no mesmo ano de 1833, aos 32 anos, deixando órfãos (por pouco tempo) 4 netos de Michael P. Kierkegaard. O ano de 1834 é também inclemente: falecem a mãe, Ane (aos 67 anos, o que não é pouca coisa), e Petrea Severine (com 33 anos e 4 filhos saudáveis, três dos quais chegarão vivos ao século XX e o outro não chegou porque morreu na guerra contra Bismark). Na noite em que a mãe morreu, Søren estava ausente, temos de analisar o fato.

Falecendo em 1834, Ane foi poupada de passar pelo drama que parece (conforme Hirsch (2006, p. 116ss)⁹ e Mesnard (1948, p. 63s)) ter abalado e derrubado seu viúvo: Peder Christian casa, na flor da idade (31 anos) com Elise Marie, no dia 21/10/1836, e esta vem a falecer justos nove meses depois, aos 18/7/37, sem deixar filho! Parece que a morte da nora

⁹ Verificar no anexo da obra em que este autor interpreta o famoso “tremor de terra” (*Das Erdbeben*).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

foi a gota d'água para o (agora sim) velho Kierkegaard, octogenário, que deve ter feito então aquelas cenas de desespero que tanto impressionaram e influenciaram os dois filhos sobreviventes. Ele veio a falecer no ano seguinte, 1838, aos 82 anos, – mas reconciliado com o caçula de 25 anos, que se havia afastado dele e depois se reencontrado consigo e com seu velho em 1838 (ano da morte também do querido professor Poul Martin Møller).

Mais moço que as três meninas, e após um interregno de 4 anos, Peder Christian era o mais velho dos irmãos, nascido em 6 de Julho de 1805. Seus manos eram 2 e 4 anos mais moços, o caçula inclusive quase 8 anos mais jovem. Primeiro universitário da família, estudioso, com vocação eclesiástica, tinha uma relação bastante tensa com o caçula genial e voluntarioso, irônico e satírico. Peder era um homem sério, ou queria sê-lo, seguia as ideias de Grundtvig, o grande líder religioso popular do interior dinamarquês, enquanto que o caçula valorizava mais os sermões de Mynster, pregador da Corte, na Capital. Por três vezes, ao menos, Peder distanciou-se publicamente de seu problemático irmão, o que levou este (nas *Obras do Amor*, de 1847) a tratar de modo criativo, irônico e compassivo ao mesmo tempo, a cena do olhar misericordioso de Cristo para Pedro (que o negara três vezes no Sinédrio): pois Cristo olha para o discípulo fanfarrão de horas antes e pensa: “*Peder er Peder*” (“O Pedro é o Pedro”), aquele que todos conhecem, com qualidades e defeitos, com sua covardia e seu bom coração, melhor perdoá-lo. O detalhe curioso é que o pensamento de Jesus não se expressa nos termos bíblicos que diriam “*Petrus er Petrus*”, mas mencionam logo “*Peder*”, tal como *Peder Christian*...¹⁰

¹⁰ *As Obras do Amor* (2005, p. 201), primeira parte, cap. IV: “O amor de Cristo por Pedro era desta forma ilimitado; ao amar Pedro, ele realizava perfeitamente o amar aquele homem

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

Lemos nos *Encounters with Kierkegaard*, tão bem organizado e traduzido por B. Kirmmse, uma entrada dos Diários deste irmão mais velho, de fins de Julho de 1834, que, redigida secamente, cheira a ressentimento em relação ao “filho pródigo”.

Apesar do fato de não haver realmente nenhuma melhora significativa com nossa Mãe, Sören finalmente partiu para Gilleleje no dia 26 [de Julho] a fim de passar duas semanas por lá para cuidar da saúde dele. ... Na manhã de quarta-feira, dia 30, as coisas ficaram significativamente piores para a nossa Mãe, de modo que eu temia um ataque. Um dos empregados do escritório de Christian Lund foi mandado a Gilleleje atrás de Sören, mas ele só pôde chegar em casa na manhã seguinte (KIRMMSE, 1996, p. 142, tradução nossa).¹¹

Pelo visto, Sören havia deixado a mãe doente e partido no sábado anterior para a sua praia favorita, lá onde ele pensava e meditava solitário sobre o sentido da vida. Fora por duas semanas, para recuperar sua saúde. Aos 21 anos, já havia cursado 7 semestres na Universidade, tivera mestres como Møller, Sibbern, Clausen e Martensen, andava lendo Platão e Hegel, e, na metade do 4º. ano da Faculdade, considerava-se cansado ou

que vemos. Ele não dizia: ‘Primeiro Pedro precisa modificar-se, e se tornar uma outra pessoa, antes que eu possa amá-lo de novo’; não, exatamente ao contrário, ele dizia: ‘O Pedro é o Pedro, e eu o amo; se algo pode ajudá-lo a se tornar um homem diferente, é justamente o meu amor que deve fazê-lo. Portanto, ele não rompeu a amizade...’. Na SKS, Bd. 9, p. 172: “han sagde: Peder er Peder, og jeg elsker ham”.

¹¹ “Despite the fact that there was really no significant improvement with Mother, Sören finally set out for Gilleleje on the 26th [of July] in order to spend two weeks there for the sake of his health. ... On the morning of Wednesday the 30th [of July] things were significantly worse with Mother, so that I feared a stroke. One of Christian Lund’s office employees was sent to Gilleleje after Sören, but he could only come home the next morning” (KIRMMSE, 1996, p. 142).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

adoentado, merecedor de algum repouso. Será que a mãe, doente também, o impediria de ir descansar, a 50 km de distância? Imaginamos que ela fizesse sempre todas as vontades do filhote caçula. Não o impediria agora de aproveitar duas semanas ao ar livre, andando pelo norte da ilha, em contato com a natureza, longe da Capital e da Universidade, distanciado dos livros que ela conhecia tão pouco, das línguas como o Latim, o Grego e o Hebraico, dos pensamentos difíceis de Schelling, Hegel e Schleiermacher, dos livros da Bíblia que ela respeitava o quanto podia, e ele lia tanto e com tanto proveito, enfim, dos sermões dos pastores da Capital, que ele aprendia de cor e depois anotava. Como impedir que o seu menino fosse cuidar de sua saúde? Ele não amaria sua velha mãe, só por causa disto? Ela com 67 anos, ele com apenas 21, a juventude precisa afinal de ar fresco...

Mas ela piorou, Peder mandou um empregado do cunhado chamar o irmão caçula, este veio decerto correndo, mas o mensageiro partira na quarta-feira e naquela noite a mãe expirou, às 22:30. Søren chegou na manhã seguinte! Será que isto prova que ele era desalmado, que não amava sua mãezinha, que esta nada representava para ele, que ele só tinha olhos para o velho pai, rico e inteligente, e que ignorava a mãe, singela e doméstica? Aos olhos do irmão mais velho, talvez ciumento das liberdades que esta concedia ao “geniozinho”, sem dúvida. Mas também para estes casos existe a imagem bíblica do pai do filho pródigo, com sua réplica final ao mais velho, tão instrutiva!

Parece, salvo engano, que Søren não ficou de fato traumatizado por só ter podido despedir-se dela cinco dias antes de sua morte, em bom acordo com ela (pois não há nenhum registro de crise entre eles, ao contrário do caso do pai), e por ter corrido para junto dela ao receber a

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

notícia da piora do seu estado de saúde, tendo chegado entretanto algumas horas atrasado, podendo participar ainda do seu funeral. Sua relação com a mãe não era traumática, em nenhum momento ele mostra alguma vergonha por ter uma mãe menos instruída: as mães não precisavam dessas coisas, naquela época, seus dons naturais e pessoais lhe bastavam. Temos o direito de supor que a relação com a mãe era, antes de mais nada, uma relação normal, sadia, saudável. Se nada escreve sobre Ane Sørensdatter, escreveu passagens belíssimas sobre as mães, em geral.

Ele trazia consigo o nome do avô materno: ela era Sørensdatter, a filha de Søren, e ele era outro Søren, “Severino” porém alegre e brincalhão, grande gozador, como o pai dela, cujo prenome ele imortalizou. Se o avô materno (a quem pessoalmente ele não conheceu) era de fato um brincalhão, um gozador, um pândego, nosso pensador, premido entre a melancolia doentia do pai e a alegre vivacidade da mãe, buscou no estudo e na prática do “humor” uma saída ou salvação, talvez orientação para sua realização pessoal. Ironia, humor e fé são atitudes subjetivas ou concepções que dão um sentido à existência. Passou anos na Faculdade a pesquisar o tema do “*humour*”, em Shakespeare e Lessing e outros; seu pseudônimo mais produtivo se declara um “humorista”; e se a *Dissertação* se restringiu a tratar da ironia sem abarcar o humor, foi porque seu querido mestre Poul M. Møller no leito de morte mandou dizer ao jovem Søren que não se estendesse demasiado, pois isto já lhe fizera mal.

Ora, Søren conseguiu entregar a *Dissertação* sobre a ironia de Sócrates e a dos românticos, não sem rematá-la remetendo ao humor sardônico, gargalhante, numa frase absolutamente satírica, de intriga infernal: “Quem quiser agora estudar o humor, que leia a recensão

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

(elogiosa) que o Professor Martensen (Membro da Banca), fez dos *Novos Poemas* de Heiberg”. Heiberg estava presente no auditório na hora da defesa, com direito a perguntas, e Jon Stewart explica que o poema principal da elogiada coletânea trata de um burguês que após a morte acaba batendo às portas do Inferno, e o Capeta o informa que ali ele teria condições semelhantes às da vida na Capital, mas que na biblioteca lá de baixo estava condenado a ler as obras imensas e inacabadas do Professor Sibbern (Orientador da tese e Presidente da Banca). – Se uma sátira de tal potencial explosivo não combina, de modo algum, com a seriedade sisuda, casmurra, tristonha, rabugenta e constipada dos Kierkegaard, nem de Michael, nem do Bispo Peder (com o nome do avô paterno), somos levados a deduzir que estaria ao menos mediada pela verve dos Lund das charnecas da Jutlândia (celebradas no Caput 5 do *Conceito de Angústia*), dos “Severinos” da família: a graça, o riso, o gracejo e a sátira deveriam ser as contribuições genéticas dos Søren e da mãe Sørensdatter...

Destacando-se da velha caricatura do desesperado e melancólico dinamarquês, já vem aparecendo atualmente, nas pesquisas sobre (obra e vida de) Kierkegaard, uma nova imagem, a do pensador engraçado, brincalhão, a de um humorista que diverte o leitor ao mesmo tempo em que o edifica.¹² Poder “ter sempre o riso ao seu lado”, é o pedido/desejo

¹² Vale a pena citar literalmente o desafio do autor da antologia sobre o humor de Kierkegaard, Thomas C. ODEN (2004, p. 4s): “Bundle together any other ten philosophers who have made a major impact in the history of philosophy. I challenge any reader to assemble a selection of humor from all of them put together that is funnier than what you find in this volume of Kierkegaard. / Until this challenge is answered successfully, I provisionally declare Søren Aabye Kierkegaard (despite his enduring stereotype as the melancholy, despairing Dane) as, among philosophers, the most amusing. Just think of the frail, awkward, crippled Magister Kierkegaard actually being entered into Guinness’ World Book of Records! He might also be the world’s funniest psychologist and

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

engraçado e abençoado pelos deuses (que explodem em risadas ao escutá-lo), expresso no último dos *Diapsalmata*, em *Ou/Ou I*. Se Søren Kierkegaard não puxou isto ao pai, pode muito bem tê-lo recebido da herança materna. É uma autêntica possibilidade! Viva então a pequena Ane Sørensdatter Lund, pobre camponesa do interior da Jutlândia e criadinha doméstica, mãe de um dos maiores psicólogos que já viveram, e viva o seu humor, e seu atestado bom-humor, que decerto equilibrou, completou, e locupletou uma personalidade tão rica e tão complexa, que tanto consegue ensinar-nos, edificar-nos e nos divertir!

Enfim, para concluir por onde começamos: o intuito deste artigo não era deduzir, no mesmo método biográfico-psicologizante de Brandes, ideias de Kierkegaard a partir das outras influências caseiras, agora da linhagem materna, mas sim apenas sugerir certas correções e algumas pistas novas para relativizarmos aquela interpretação que joga unilateralmente sobre o velho pai toda uma tristeza e melancolia, uma angústia e um desespero que este teria transmitido a Søren. O conceito kierkegaardiano de “seriedade”, há meio século analisado por M. Theunissen, equilibra preocupações e brincadeiras; seu conceito de angústia é algo de positivo para a liberdade; o desespero é superável pela fé (e até, provisoriamente, pelo humor), enquanto que a melancolia, com a contraparte de maníaca leviandade, pode tornar-se, tal como a ironia estudada na tese de 1841, um “momento dominado”. – É claro que a mentalidade alegre e saudável de sua mãe há de ter contribuído para este exitoso equilíbrio de personalidade,

the world's funniest theologian, but I do not wish to exaggerate”. Numa linha semelhante parece ir o livro *The Laughter In on My Side* de R. POOLE e H. STANGERUP (1989).

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)
VALLS, Alvaro L. M.

por mais que seja dele o mérito da escolha de si-mesmo, fundada transparentemente no poder que o estabeleceu.

REFERÊNCIAS

BRANDES, Georg. **Nietzsche**: Un ensayo sobre el radicalismo aristocrático. Traducción de José Liebermann. México: Sexto piso, 2004.

GARFF, Joakim. **SAK. Søren Aabye Kierkegaard**: En Biografi. København: Gads Forlag, 2000.

HIMMELSTRUP, Jens (Udg.). **Søren Kierkegaard**: International Bibliografi. København: Nyt Nordisk Forlag – Arnold Busk, 1962.

HIRSCH, Emanuel. **Kierkegaard-Studien**, Band 1. (Gesammelte Werke 11.) Waltrop: Spenner, 2006. (Neu herausgegeben und eingeleitet von H. M. Müller. – Reprodução dos originais de 1930-33).

JASPERS, Karl. **Psicopatología General**. Traducción de la 5a. ed. alemana por Roberto Saubinet y Diego Santillan. Buenos Aires: Bini, 1950.

_____. **Psychologie der Weltanschauungen**: Fünfte, unveränderte Auflage. Berlin-Göttingen-Heidelberg: Springer 1960. (1919)

KIERKEGAARD, Søren A. **O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Migalhas Filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995. (Ou: Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.)

_____. **In Vino Veritas**. Tradução de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2005.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

KIERKEGAARD, Søren A. **Ou – Ou: Um Fragmento de Vida** (Primeira Parte). Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

_____. **Ou – Ou: Um Fragmento de Vida** (Segunda Parte) Tradução de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2017.

_____. **As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 2005.

_____. **Diapsalmata**. Tradução, Notas e Posfácio de Nuno Ferro e M. J. de Carvalho et al.. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011.

_____. **Do Desespero Silencioso ao Elogio do Amor Desinteressado: Aforismos, novelas e discursos de Søren Kierkegaard**. Tradução de Álvaro Valls. Porto Alegre: Escritos, 2004.

KIRMMSE, Bruce. **Kierkegaard In Golden Age Denmark**: Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

KIRMMSE, Bruce (Org.). **Encounters With Kierkegaard: A Life as Seen by His Contemporaries**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1996.

KJÆR, Grette. **Den Gådefulde Familie: Historien bag det Kierkegaardske Familiegravsted**. København: Reitzels Boghandel, 1981.

MALIK, Habib C. **Receiving Søren Kierkegaard: The Early Impact and Transmission of His Thought**. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 1997.

MESNARD, Pierre. **Le Vrai Visage de Kierkegaard**. Paris: Beauchesne, 1948.

ODEN, Thomas (Org.) **The Humour of Kierkegaard: An Anthology**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2004.

Possíveis e reais contribuições de Ane Sørensdatter Kierkegaard, nascida Lund, à cultura ocidental – (um ensaio contra o mito do filósofo sem mãe)

VALLS, Alvaro L. M..

POOLE, Roger & STANGERUP, Henrik (Org.). **The Laughter Is on My Side: An Imaginative Introduction to Kierkegaard**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989.

STEWART, Jon. **A History of Hegelianism in Golden Age Denmark**. Tome I. The Heiberg Period: 1824-1836. Copenhagen: SKRC/Reitzel, 2007.

THEUNISSEN, Michael. **Der Begriff Ernst bei Sören Kierkegaard**. Freiburg/München: Alber, 1978. (Com a dedicatória: “Meiner Mutter”!)

VERGOTE, Henri-Bernard. **Sens et répétition: Essai sur l'ironie kierkegaardienne**. Tomes I et II. Paris: Cerf/Orante, 1982.

WAHL, Jean. **Études Kierkegaardienes**. 4e. édition. Paris: Vrin, 1974.

A PAIDÉIA KIERKEGAARDIANA

[THE PAIDÉIA KIERKEGAARDIANA]

Marcos Érico de Araújo Silva

Doutor em Filosofia pela UFPB-UFPE-UFRN, Professor do Departamento de Filosofia da UERN, Campus Caicó – CaC, Professor permanente do Mestrado Profissional (PROF-FILO), e Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI).

(E-mail: marcos_erico@yahoo.com.br / simesmo@hotmail.com)

Recebido em: 02 de maio de 2018. Aprovado em: 28/05/2018

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Resumo: Farei uma abordagem da educação em Kierkegaard do ponto de vista filosófico sendo, portanto, uma introdução à filosofia de Kierkegaard. Educação é compreendida no sentido da *paidéia* grega. Assim como a *paidéia* se inclina para a *areté*, do mesmo modo a paidéia kierkegaardiana exige a modificação da existência. O método da comunicação indireta é a forma da educação e, assim, o ensinar do autêntico professor decorre de sua “originalidade adquirida” ao reduplicar em sua existência o que ensina apropriando-se, quer dizer, sendo, ele mesmo, aquilo que ensina. Ao contrário, o professor erudito possui apenas uma “originalidade imediata e primeira” e, por isso, apenas transmite e exhibe seu vasto saber sem reduplicá-lo. A produção pseudônima e religiosa são os dois olhos de Kierkegaard para ver a mesma questão: o tornar-se si-mesmo e sua imbricação com a realidade efetiva.

Palavras-chave: Paidéia kierkegaardiana. Si-mesmo. Areté. Modificação da existência. Originalidade adquirida. Originalidade imediata e primeira.

Abstract: I will make an approach of the education in Kierkegaard's philosophical point of view, therefore, an introduction to Kierkegaard's philosophy. Education is understood in the sense of the Greek *paidéia*. Just as *paidéia* inclines toward the *areté*, in the same way Kierkegaardian *paidéia* demands the modification of existence. The method of indirect communication is the form of education, and thus the teaching of the authentic teacher stems from his "acquired originality" by reduplicating into his existence, which teaches appropriating, that is, being himself, what he teaches. On the contrary, the learned teacher has only an "immediate and first originality" and, therefore, only transmits and exhibits his vast knowledge without reduplicating it. The pseudonymous and religious production are the two eyes of Kierkegaard to see the same question: to become self and its imbrication with effective reality.

Keywords: Kierkegaardiana Paidéia. Self. Areté. Modification of existence. Originality acquired. Immediate and first originality.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Para Iraquitan de Oliveira Caminha (UEPB), amigo e autêntico mestre, portador de uma originalidade adquirida.

“O que faz o Evangelho? O Evangelho [...] é a sabedoria da educação [...]”
(KIERKEGAARD, 2007, p.187)

I

“Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega, quero dar a entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego” (JAEGER, 1995, p. 1). Esta frase retirada da *Introdução* da obra *Paidéia: a formação do homem grego*, de 1936, publicada na Alemanha, permite-me meditar sobre a *questão da educação ou formação* em Kierkegaard. Jaeger, na *Introdução*, sente a necessidade metodológica de esclarecer dois aspectos implicados no termo grego *Paidéia*. Um primeiro aspecto que chama a atenção do leitor é com a estranheza da palavra. O leitor moderno, sem conhecimento da cultura grega, sentirá a curiosidade de saber o sentido deste termo estranho para a sua língua. Jaeger explica que qualquer opção de tradução do termo só consegue capturar um aspecto dele e não sua totalidade: “civilização, cultura, tradição, literatura ou educação” (JAEGER, 1995, p. 1). A dificuldade encontra-se no caráter reducionista de cada opção dessas uma vez que o termo grego congrega todas essas palavras e sentidos numa unidade integrativa: o termo *Paidéia* tem o condão de ao dizer mostrar a totalidade da coisa nela mesma. O outro aspecto, decorrente deste primeiro, é a exigência de que o leitor moderno deve, por assim dizer, mudar os olhos para que possa ver. Um moderno deve fazer o exercício hermenêutico de

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

olhar com olhos gregos aquilo que a língua grega possibilita de aparecer ao dizer-mostrar a coisa, a saber, *Paidéia*. Ora, só assim, entrando na atmosfera grega é possível compreender a totalidade do fenômeno em sua unidade integrativa, quer dizer, ao dizer *Paidéia*, diferente de nós modernos, o grego mostra a totalidade da coisa: civilização, cultura, tradição, literatura, educação.

Depois deste exercício hermenêutico de ver na perspectiva grega é possível traduzir por *educação* ou *formação*, por exemplo, porque já não será compreendida na perspectiva decadente, reducionista, tecnicista que a modernidade compreende¹. Neste sentido, lembro do grande filósofo, teólogo e eminente orador, Santo Agostinho, quando solicitado pelos padres para que escrevesse um livro que os ajudassem na preparação dos sermões. Com este intuito o ex-orador do Imperador Romano escreve o *De Doctrina Cristiana*. Ele, um africano, da Igreja Católica latina ajudando os padres a compreenderem melhor e, sobretudo, a comunicarem com eficácia o sentido da Palavra de Deus. O Novo Testamento foi escrito em grego. Um Padre Latino lendo em grego! Agostinho ensina a fazer o exercício hermenêutico de mudar o olho: “veem o coração delas [as Escrituras] com os olhos do coração [*et cor earum sui cordis oculi vident*]”:

¹ Não é nessa decadência de perda do sentido que o atual governo está reformulando o ensino no Brasil? Não é desde essa perspectiva de perda do sentido, ou pior, de negação do sentido de *Paidéia* que surge a proposta não-grega, anti-filosófica do Escola Sem Partido? Uma proposta ideológica contra toda ideologia, uma proposta partidária (o “sem partido”) contra partidarismo é uma contradição em si mesma. O homem desde sempre, quer dizer, desde que aparece no mundo já se movimento num horizonte de sentido, numa pré-compreensão que dá a condição de possibilidade de conhecer isto ou aquilo. Neutralidade não existe, como bem mostra os filósofos contemporâneos e, até mesmo, a física quântica, ou o epistemólogo Thomas Kuhn. Os professores (as), particularmente de filosofia e sociologia, devem continuar tendo sua autoridade de cátedra em sala de aula ensinando aos alunos o conhecimento filosófico, sociológico que foram consolidados na cultura.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Não digo em tê-las [as Escrituras] lido muito e em sabê-las de memória, mas em compreendê-la bem e indagar diligentemente os seus sentidos. Porque há alguns que as leem com negligência; leem para reter de memória e negligenciam ao não entendê-las. Aos quais, sem dúvida, devem preferir-se os que não tem tão na memória suas palavras, porém veem o coração delas com os olhos do coração [*et cor earum sui cordis oculi vident*]. Porém, melhor que ambos é aquele que quando quer as expõe e as entende com perfeição (AGOSTINHO, 1957, p. 271, tradução nossa).

Há, pois, três tipos de oradores ou estudiosos: i) o homem simples, inculco que lê mas não compreende o que lê, ou, em nível mais sofisticado (sofista!?), o erudito que lê muito, mas superficialmente, sem nunca atingir a profundidade do texto porque se ocupa com a superfície (este conhece muito e vastamente, mas de forma extensiva e jamais intensiva): fica absorto na letra do texto não penetrando no espírito sem o qual não faz sentido a letra, pois, nesse caso, é morta; ii) o sábio, como o cristão sério e honesto, que se preocupa mais em penetrar no espírito, no sentido do texto, do que no aprofundamento da superfície: língua, história, cultura etc.; iii) por fim, temos o ideal do orador cristão que sintetiza, melhor, que se sobressai, por assim dizer, porque ele reúne em si o erudito e o sábio. A erudição é sem valor quando carece de sabedoria. A sabedoria mesmo sem erudição é louvável. Mas a erudição a serviço da sabedoria deve ser a mais desejada e mais reverenciada. A primazia, porém, está com a sabedoria.

Kierkegaard reúne nele o grego ou filosófico, e o bíblico ou crístico. Kierkegaard enquanto pensador tem dois olhos: grego e bíblico, filosófico e crístico, produção pseudônima e produção religiosa. O pensador dinamarquês tem dois olhos para ver a coisa nela mesma. Posteriormente

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

(no II) farei a articulação desta metáfora com o método maiêutico de Kierkegaard.

O título deste artigo *A paidéia kierkegaardiana* nos lança nessa atmosfera dialética do grego e do bíblico, do filosófico e do crístico, da produção pseudônima e da produção religiosa. Então, o que *A paidéia kierkegaardiana* mostra, ou faz aparecer aos nossos olhos é a questão da educação ou formação compreendida de forma ampla e holística unificando a totalidade dos aspectos implicados na palavra grega, a saber: civilização, cultura, tradição, literatura, educação. Isto significa que a educação em Kierkegaard tem o sentido de *Paidéia*. Portanto, educação como *Paidéia* se confunde ou se identifica com a própria filosofia enquanto articulação formativa ou educativa do homem grego através da literatura como consolidação da cultura sustentando a tradição e determinando os rumos da civilização ocidental.

A *Paidéia* mostra, pois, e-videncia a formação do homem. A educação fala de uma *ação que conduz para* e a form-ação de uma *ação que dar forma*. Mas o que significa este *para onde* que a educação conduz? E que movimento é este que pro-move uma *forma*? Educação ou formação aqui não tem o sentido moderno, mas grego. Não se busca fornecer determinadas habilidades ou técnicas para que, dominando-as, possa ser aplicada em vista de um determinado fim. Educação ou formação como *Paidéia* visa uma modificação da própria existência do homem e não determinados conhecimentos técnicos para isto ou aquilo. Então, essa *ação do para onde* da educação, ou do *dar forma* da formação são movimentos que tomam a

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

matéria-prima, bruta, de si mesmo para tornar-se si-mesmo², quer dizer, concretizá-lo, efetivá-lo, sintetizá-lo. Em uma palavra: dar uma forma (*eidos*). É, pois, um movimento que não sai do lugar, quer dizer, é, como a *Psyché* um princípio (*archê*) de movimento que não se movimenta. Isso significa uma dinâmica de realização do real em que a cada momento precisa vir a ser. Isso que precisa vir a ser neste movimento que, em sendo princípio de movimento, entretanto, não se movimenta, é a vida, a existência do homem. Com efeito, paradoxalmente, o homem, de certo modo, não é, mas

² Chamo a atenção do leitor para a grafia do si-mesmo hifenizado e do si mesmo sem hifenização para que perceba que este último, sem hifenização, é o fenômeno do homem na não-verdade sem que, portanto, tenha operado sua sintetização estabelecendo uma autorrelação *expressa* na hifenização do si-mesmo. A hifenização enquanto ligação dos dois termos, si + mesmo, tornando uma unidade, um único termo, externaliza a ideia de movimento, de integração, de síntese. Daí que na terminologia kierkegaardiana atrelamos o si mesmo ao *Individ*, indivíduo despersonalizado sem si-mesmo, e o si-mesmo ao *Selv* ou *den Enkelte*, o indivíduo singular que possui subjetividade, interioridade. A produção estética ou pseudônima problematiza em suas obras, dialogando criticamente com a filosofia, através de vários pseudônimos, visando libertar o homem de si mesmo, quer dizer, pro-cura liberá-lo para a apropriação de seu próprio, de seu *verdadeiro nome*, de sua identidade, de seu si-mesmo. Talvez a utilização de vários pseudônimos com o prenome de Johannes (João) sinalize para o sentido teológico de João Batista como sendo aquele que é apenas uma “voz do que clama no deserto” (Jo 1, 23) cujo trabalho e missão é apenas (e como é trabalhoso!) “preparai o caminho do Senhor” (Lc 3,4). O sentido filosófico, então, de Johannes o Sedutor, Johannes De Silentio, Johannes Climacus e, por extensão, de todo pseudônimo seja precisamente o de preparar (derrubar, abater montes, destronar o orgulho!) o caminho da filosofia para o Senhor, quer dizer, criticar a compreensão abstrata (o deserto!) como modo da filosofia compreender o homem e a realidade e, assim, preparando este caminho, cria uma abertura, uma tonalidade afetiva ou disposição (*Stemming*) que posiciona o homem no lugar apropriado para apropriar-se de si-mesmo na meditação da produção religiosa que aperfeiçoa e complementa a produção estética ou pseudônima. É este o movimento dialético de desconstrução (pseudonímia) e edificação (religiosa: *Discursos Edificantes* e *Discursos Cristãos*) de si-mesmo, do *Selv*. É precisamente isto que em sendo a filosofia kierkegaardiana é, ao mesmo tempo, a educação ou paidéia kierkegaardiana. Nada, pois, de filosofia de autópsia quando isto não conduz ao coração do texto transubstanciando minha existência, ou como ensina advertindo Santo Agostinho: “veem o coração delas [leia-se: obras de filosofia, ou a realidade] com os olhos do coração [et cor earum sui cordis oculi vident].”

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

deve tornar-se o que ele é. Em *A Doença para a Morte*, de 1849, Anti-Climacus/Kierkegaard, escreve:

Tornar-se si-mesmo é precisamente um **movimento no lugar [Bevægelse paa Stedet]**. Tornar-se significa em geral uma mudança de lugar [Bevægelse fra Stedet], porém tornar-se si-mesmo equivale um **movimento sobre o terreno [Bevægelse paa Stedet]** (KIERKEGAARD, 2008a, p. 57, tradução nossa, grifo nosso; SKS 11,151).

Algumas páginas antes Anti-Climacus escreveu esta formulação lapidar por ser tão verdadeira por capturar o paradoxo que constitui a existência do homem; a filosofia deve cuidar de explicar isto retornando sempre e a cada vez buscando uma maior e melhor clarificação disto, a saber: “[...] o eu [si mesmo sem hifenização, quer dizer, sem autorrelacionar-se] não é si-mesmo enquanto não se faça si-mesmo, e o não ser si-mesmo é verdadeiramente o desespero” (KIERKEGAARD, 2008a, p. 51)³.

³ No original lemos: “Forsaavidt da **Selvet** ikke vorder sig **selv**, er det ikke sig **selv**; men det ikke at være sig **selv** er just Fortvivlelse” (SKS 11,146, grifo nosso). Como no português temos o recurso de usar o si mesmo sem ser hifenizado (dando a idéia de deslocado de si mesmo, despersonalizado) e o si-mesmo hifenizado (aglutinação, junção, integração, dando a idéia de autorrelação, movimento) utilizo essa diferenciação para que o leitor compreenda o paradoxo, mas ao mesmo tempo a razoabilidade da possibilidade de se falar de que o si mesmo, o esteta, o homem na não-verdade, precisa vir a ser porque de certo modo ainda não é, quer dizer, precisa sintetizar a si mesmo na autorrelação para que o si mesmo seja verdadeiramente, em plenitude, um si-mesmo. Na tradução espanhola aparecem indistintamente como *eu* e *si mismo*, e na francesa *moi, soi*; no francês tem o *soi-même* mas não aparece na tradução marcando o *Selv*. Muito embora no contexto em que aparecem torna-se evidente a distinção, no contexto da frase ou parágrafo, para o leitor atento ou familiarizado com Kierkegaard, penso ser significativo, porém, marcar uma diferença para chamar a atenção do leitor que não tem proximidade com o pensamento de Kierkegaard. Julgo, pois, que em português a grafia com o recurso da hifenização para indicar o *si-mesmo* que se relaciona consigo mesmo e o *si mesmo* sem hifenização indicando a carência da síntese, a falta de movimento de autorrelação não só evidencia com mais clareza o movimento paradoxal do *si mesmo* ter que tornar-se *si-mesmo*, sem implicar em contradição, como também insere de forma significativa Kierkegaard no diálogo filosófico da filosofia alemã acerca do *Ich (Eu)* e *Selbst (Si-mesmo)*. Penso particularmente no contexto

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Este movimento que faz o homem inautêntico conquistar sua própria autenticidade, ou passar da não-verdade para a verdade é um movimento de interioridade, subjetividade. Não é um movimento geográfico, espacial, exterior. Mas é a verdade da apropriação em que o Indivíduo singular (*den Enkelte*) conquista, apropria-se de seu próprio, de sua singularidade, de seu si-mesmo (*Selv*). O devir do homem é, pois, um movimento *no* lugar (*Benægelse paa Stedet*). Este deslocamento sem se deslocar e, precisamente por isso, só assim promove essencialmente o deslocar é que é a experiência de *arché*. É o começo sem começo porque desde sempre já começou. É a experiência do homem que é afetado e, portanto, experiência ao mesmo tempo de *pathos* por um modo de ser, do homem ter de se fazer. É a ex-periência (*Erfahrung*) de se ver jogado, melhor, da necessidade de se ver lançado nisto, a saber, na possibilidade de poder ser ou ser-capaz-de (*Muligbeden af at kunne*). Ex-periência de círculo, paradoxo (= movimento no lugar; = si mesmo que precisa tornar-se si-mesmo), é sinal e indício da especificidade do ver filosófico, grego. Esta é a ação que a educação ou formação pro-move em tornando o homem um si-mesmo, um *Selv*. Eis, portanto, o sentido filosófico da *paidéia kierkegaardiana*.

A paidéia kierkegaardiana, portanto, não é outra coisa senão a totalidade do *corpus kierkegaardiano* que possibilita ver, através dos dois olhos de Kierkegaard, quer dizer, de sua maiêutica, as perspectivas de conduzir o

de *Ser e tempo* (2006) de Heidegger (§25) em que o si-mesmo (*Selbst*) não é entendido como um eu, um ser simplesmente dado, como uma substância, uma coisa pronta e acabada, mas precisamente como sendo um modo de ser do *Dasein* como movimento de a-propriação de si-mesmo, de seu próprio. Em *A Fenomenologia da Vida Religiosa* de 1920-21 o jovem Heidegger escreve: “Na maioria das vezes, é-se levado a analisar apenas teoricamente conceitos configurados do psíquico, porém, o si-mesmo [*Selbst*] não se torna problema. [...] Trata-se aqui apenas de conseguir alcançar o princípio [de natureza pré-teorética] para a compreensão da própria filosofia (HEIDEGGER, 2010, p. 17-18).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

homem da não-verdade para a verdade. A Teoria dos Estádios Existenciais (estético, ético, religioso), na dinamicidade variável – ou estético, ou ético-religioso; ou estética imediata e mediata, ou religiosidade A e religiosidade B; ou... ou... – como reflexo e tradução da existência, em que aparecem nas diversas obras, não é, melhor, não pode ser outra coisa senão a *fundamentação filosófica* do devir do homem, a saber: *A paidéia kierkegaardiana*. Por conseguinte, abordar a educação ou formação em Kierkegaard como filósofo *na perspectiva filosófica* significa ver a coisa com os dois olhos: filosófico e crístico, a produção pseudônima e a produção religiosa. Com efeito, a educação ou formação em Kierkegaard significa a *paidéia kierkegaardiana* e esta se confunde, portanto, com sua própria filosofia. Em seu *Diário*, em 1851, ano em que publica *Sobre Minha Obra de Escritor*, Kierkegaard escreve:

Então, com a educação em outros tempos. (...) (A educação já foi transmitida com a vara, como visto no *Erasmus Montanus* de Holberg). Agora não há nada além de admoestação, tudo se reduz à compreensão; a criança deve compreender que se quer o seu bem, etc. – mas a existência no fundo não é afetada. Considere agora as coisas mais elevadas. No campo religioso a atenção, também, foi voltada para o “meditar”, para o “compreender”. É claro que isso também pode ser um esforço: mas o verdadeiro esforço consiste na mudança da existência, e é um imenso equívoco acreditar que é suficiente ter compreendido as coisas mais elevadas para fazê-las. Oh, do compreender ao fazer a distância é infinita, muito maior que do não compreender para o compreender. No primeiro caso, há uma completa **μεταβασις εις αλλο γενοσ** qualitativa. Mas, existencialmente, o homem é muito relutante em se relacionar com o risco: para ter êxito em entender e entender ele pode, por sua vez, passar toda a sua vida sem que a existência tenha mudado de comportamento. Nós riríamos se um candidato a um diploma do ensino médio, apresentando-se ao exame, dissesse: “Vou me apresentar na próxima vez!” - mas todos nós não fazemos o mesmo? Nós

A paidéia kierkegardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

trabalhamos tanto para compreender e dizemos: “É suficiente eu ter compreendido; então depois eu farei isso [que compreendi], veja que então a coisa virá por si só, etc.”. E depois a morte nos colhe! Mas se a morte não nos impedisse, certamente teríamos feito isso [que foi compreendido]. Claro..., se isto é primeiro você compreendeu bem! Oh, humana astúcia do compreender! Um dia de jejum, um ato para testemunhar a verdade: tudo isto toca uma existência de um modo completamente diferente que dez ou cem anos de estudo. Trabalhando na direção do compreender se toma um caminho falso, e é muito mais verdadeira a concepção tradicional que empurrava para começar imediatamente com o agir (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa).

A educação em tempos anteriores ao de Kierkegaard, ao que parece, prevalecia por meio da força ou violência. O que resultava dessa forma era uma ação exterior privada de disposições interiores do indivíduo: “a existência no fundo não é afetada”. O indivíduo agia, por educação, quer dizer, por força de uma autoridade externa que o forçava para um modo de ser e agir. Nos tempos de Kierkegaard a necessidade da ação é substituída pela admoestação, pela advertência, pelas normas e regras⁴. A educação, pois, é reduzida a ideia de que a primazia está no compreender. Nos “tempos anteriores ao de Kierkegaard” e “no tempo de Kierkegaard”, significa: em todo tempo e lugar a educação, ou qualquer questão, sempre é colocada numa relação equívoca com a verdade. Diante da situação do modo de ser da educação, Kierkegaard apresenta-se como filósofo para chamar a atenção da relação autêntica com a verdade. A posição de Kierkegaard é garantir a primazia do agir em relação ao compreender, ao tratar da educação, como de qualquer outra questão. Mas um agir livre do

⁴ Sobre esta crítica de Kierkegaard (KIERKEGAARD, 2012) veja *Uma Recensão Literária* (ou *Época presente*) de 1846.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

indivíduo em que é afetado e co-movido (*Pathos*) pela educação, enquanto *paidéia*, desencadeando no indivíduo o desejo de agir, quer dizer, de tornar-se si-mesmo apropriando-se de um modo de ser no mundo. Nessa perspectiva, desde a tonalidade afetiva (*Stemming*) da verdade, o indivíduo fica imune do contágio perigosíssimo do compreender que protela disfarçadamente (através do compreender!) o agir, buscando, ao contrário, o compreender, mas na justa medida que o conduz a si-mesmo. Desde fora da tonalidade afetiva (*Stemming*) da verdade o compreender se mostra para o indivíduo como tentação do sempre mais compreender e, assim, o indivíduo, com toda solenidade e erudição, é tomado pela atmosfera (*Stemming*) da nivelação (*Nivellering*) e, portanto, do desespero (*Fortvivlelse*). Com efeito, o indivíduo mesmo com toda sua erudição, ou por causa dela, se despersonaliza, vivendo na desmedida (*Hybris*) que o afasta de si-mesmo. Quando o compreender tem a primazia em relação a ação isto já é sintoma e odor (desagradável!) de que o indivíduo está doente de desespero e sofre dos males do “lado sombrio da época” (KIERKEGAARD, 2012, p. 74): a *conversa fiada* ou *falatório* (*snakeke*), a *informidade* (*Formløshed*), a *superficialidade* (*Overfladiskhed*), o *galantear* (*Lejlerie*), a *loquacidade* (*raisonere*).

A primazia do compreender, da lógica e do pensamento calculador das ciências, em uma palavra, a filosofia de “autópsia” (KIERKEGAARD, 2013, p. 48) é equívoca e enganadora. “Trabalhando na direção do compreender se toma um caminho falso” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa), quer dizer, o filosofar, o fazer filosofia não deve, paradoxalmente, tomar o caminho, a via do compreender, mas o filosofar se faz e *per-faz* pela via da apropriação do compreender na existência. O caminho do compreender é *a posteriori*, é

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

epigonal, pois a experiência primeira, a primazia, a *arché*, deve-se ao movimento da vida fazendo Vida, o si mesmo (*Individ*) tornando-se si mesmo (*Sehv; den Enkelte*) e, portanto, um movimento carregado de *pathos* qualificando a existência⁵! A partir disto e por causa disto, quer dizer, desde essa experiência pré-teórica é que o compreender, a teoria, encontra seu lugar de explicitação enquanto e como estando a serviço da ação, da efetivação ou apropriação da existência. Não seguindo este movimento e, portanto, dando primazia ao compreender, a teoria, a filosofia, a educação se descaracteriza e se destroça sob o peso pesado (e triste, carente de vida!) da erudição.

Autópsia diz *ver por si mesmo*. Refere-se a exame de cadáveres para determinar as causas da morte e doenças do morto. Transpondo para a cultura, mais especificamente, para a filosofia e, portanto, para a dimensão do espírito é um equívoco. Fazer filosofia ao modo de autópsia é querer partir e fragmentar o corpo, os órgãos, a letra com o intuito de encontrar,

⁵ É justo isto que Kierkegaard designa de edificante ou edificação. É um pensar que se edifica a partir ou desde as fundações (Cf. KIERKEGAARD, 2005, p.242-243). Fazer filosofia abstratamente, segundo os critérios da lógica e do pensamento calculador, da “autópsia”, é precisamente não partir das fundações e, portanto, sair da atmosfera (*Stemming*) kierkegaardiana. As fundações são a *arché* e o *pathos* da filosofia kierkegaardiana, as tonalidades afetivas, a saber: angústia, desespero, amor, repetição, preocupação, paciência, etc. Entendê-las em categorias lógicas abstratas significa compreendê-las em seu próprio modo de ser, ou desvirtuá-las tirando-lhes suas forças existenciais? Tomando o caminho do compreender ao explicá-las nessa paisagem estranha a elas não as deturpamos ao invés de penetrarmos existencialmente em seu verdadeiro sentido? Gabriel Marcel defende que explicar o mal conceitualmente, contemplativamente “deixa de ser o mal sofrido: simplesmente deixa de ser o mal” porque já não nos afeta, pois compreender efetivamente o mal sem desvirtuá-lo em considerações lógicas abstratas significa “que *estou implicado nele*, no sentido que estamos implicado em um negócio” (MARCEL, 1987, p. 39, grifo do autor). Tomar o compreender como primazia, estabelecendo o pensamento objetivo como *Stemming* de uma determinada filosofia não é justamente tal procedimento a prova cabal do pensamento objetivo oposto e antítese do pensamento subjetivo no qual se enquadra o kierkegaardiano?

A paidéia kierkegardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

de ver por si mesmo, através disto, o espírito. É o fenômeno do “zelotismo da letra” (KIERKEGAARD, 2013, p. 40) porque embora pense e anuncie que busca o espírito na verdade, e, em verdade, adora a letra. Se for verdade que este procedimento extrai muitas informações sobre o corpo, sobre a letra, tornando alguém um erudito, um filósofo ou professor legista, é igualmente verdade que jamais consegue *ver por si mesmo* o espírito. “O pensamento abstrato [de autópsia?!] ajuda-me, portanto [...] como, em Holberg, o médico tirou a vida do paciente com seu remédio – mas também afugentou a febre” (KIERKEGAARD, 2016, p. 14). Fazer filosofia ao modo de autópsia, na cadência decadente da disritmia da lógica e do pensamento calculador da ciência, é coisa de Tomé, ou melhor, de Judas, o Iscariotes!⁶.

⁶ Na linguagem corpórea e espiritual da capoeira – complementa Carcará, meu pseudônimo - plena de vivacidade e de ritmo próprio e apropriado, na musicalidade que desvela e revela situações, seria comunicado indiretamente a carência de *mandinga* (pseudonímia!) para a coisa, a falta de jeito para gingar na roda efetiva da vida. A discussão crítica aqui de autópsia enquanto um ver por si mesmo, mas na atmosfera de *legista* (legalista), de corpo sem alma, de textos sem espírito, relaciona-se a necropsia, a cadáver. Mas a autópsia em seu sentido positivo e excelente é o ver por si mesmo, autópsia, mas na atmosfera do médico ou de um autoexame, em vista de um diagnóstico relacionado à saúde, à vida; é o modo do hermeneuta, não do analítico! Neste sentido mais positivo, neste modo de ver a coisa pelo filósofo hermeneuta, a autópsia só se interessa pelo corpo, pelos textos porque sabe que eles custodiam a alma, o espírito. O filósofo busca no texto o que está para além do texto: a voz do Ser ou de Deus. Extrair uma meditação desta atmosfera positiva de “autópsia” é tema para outra meditação, que desejamos empreender, num diálogo de Kierkegaard com Heidegger e Schopenhauer. Schopenhauer escreve criticando os eruditos, àqueles que se atém e investem no conhecer muitas informações sobre tudo, mas não se concentram na simplicidade da coisa ela mesma; não saboreiam a variação do mesmo (*Selbe*), da mesma questão, mas pensam e se embriagam na variação de muitos temas “aprofundando” na horizontalidade da superfície da coisa: “Ler em lugar das obras originais dos filósofos exposições de suas teorias ou, em geral, história da filosofia é como pretender que outro mastigue a própria comida. [...] Mas com relação à história da filosofia está realmente a seu alcance **tal autópsia de seu objeto**, em concreto, nos escritos originais dos filósofos [...] (SCHOPENHAUER, 2006, p. 67, tradução nossa, grifo nosso). Heidegger escreve no semestre de verão de 1928 em Marburgo: “A grande esterilidade dos cursos acadêmicos sobre filosofia tem seu fundamento, entre outras coisas, em que, em um semestre, se

A paidéia kierkegardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

“Oh, humana astúcia do compreender!” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa). De fato, é uma astúcia do compreender que contaminando, numa determinada forma de desespero, o erudito e homem culto, desdobra-se diante de seu espírito trilhões de justificativas lógico-demonstrativas, da antiguidade aos nossos dias, fazendo-o escolher alguma delas como chave de compreensão, num verdadeiro mortal carpado ou numa folha seca interpretativa, des-locado da existência, justificando *para depois* o agir efetivo e, ao mesmo tempo, anestesiando sua consciência para estar acomodado comodamente em sua inautenticidade, na não-verdade.

É um grande equívoco confundir ou ocultar o verdadeiro movimento inserindo o compreender como *arché*. Daí segue-se o erro de acreditar que quanto mais compreende, quanto mais conhece algo isso já implica em apropriação existencial. Kierkegaard é claro ao escrever que existe “uma completa μεταβασις εις αλλο γενοσ qualitativa” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa) do compreender para o fazer. Não se passa do compreender para o fazer, para a ação. Isto está interdito. É no fazer da ação, quer dizer, em agindo que somos conduzidos à explicitação do agir da ação. Esta confusão de dar, equivocadamente, primazia ao conhecer atinge não só a educação escolar, a filosofia, mas afeta até em nível religioso. O tom que harmoniza a

pretende ensinar ao ouvinte, seguindo os conhecidos grandes traços [visões panorâmicas!], o mais possível sobre tudo o que há no mundo, ou inclusive mais além dele. Temos que aprender a nadar e, em compensação, nos limitamos a passear ao largo da orelha do rio, conversamos [tagarelamos] sobre o murmúrio da corrente e falamos das cidades e aldeias pelas que ela flui. **É certo que desta forma nunca surgirá no ouvinte a chispa que permita fazer crescer nele uma luz que nunca mais poderá apagar-se em seu Dasein**” (HEIDEGGER, 2007, p. 17-18, tradução nossa, grifo nosso).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

educação ajustando-a na justa medida de si mesma encontra-se no promover a mudança da existência. Eis o verdadeiro movimento intelectual (*inter-legere*)! Não se pode negar que tomar o caminho equivocado do compreender não seja um esforço. E que esforço! Mas um esforço que incha mantendo uma flacidez que não tonifica verdadeiramente; basta um olhar socrático para logo perceber a sofist-icação, erudição, flacidez do empreendimento. “O verdadeiro esforço consiste na mudança da existência, e é um imenso equívoco acreditar que é suficiente ter compreendido as coisas mais elevadas para fazê-las” (KIERKEGAARD, 1980, p. 37; D 9, 3512 [X A 289], tradução nossa). O verdadeiro esforço da filosofia e, portanto, da educação, é um movimento que pro-move a tonificação e modificação da própria existência, quer dizer, o devir do homem exige necessariamente uma modificação de todo seu ser e não apenas em acréscimos de compreensões em nível intelectual-cognitivo.

Ora, quando o grego fala *paidéia*, compreendendo educação ou formação neste sentido amplo e integrativo, isto conduz a conectar, como mostramos, a *paidéia* com a filosofia. Neste sentido, como e-videnciamos, a *paidéia* kierkegaardiana não é outra coisa senão a filosofia de Kierkegaard que exige a transformação do indivíduo nele mesmo, quer dizer, o percurso da apropriação existencial desde si mesmo (*Individ*) para si-mesmo (*den Enkelte; Selv*). A *paidéia* kierkegaardiana, melhor, a filosofia de Kierkegaard não é outra coisa senão a descrição da *via sacra* da existência, a cristificação ou concretização do existente.

Este acento na modificação da própria existência, esta exigência eucarística que transubstancia a própria existência liberando sua identidade verdadeira é o que o grego chama de *Areté*. *Areté* é *Virtú*. Mas *areté* não é

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

virtude em sentido decadente, derivado de virtude moral. Aqui, antes, originariamente, *areté*, em grego, e, com o olhar ou perspectiva (a palavra diz *ver através*) grega, não soa ou ressoa a beatice, não evoca a figura de alguém que construiu sua própria santidade a partir e em vista de um moralismo sem jamais tocar na dimensão mais originária e, portanto, mais verdadeira e autêntica da santidade, a saber, a mística. *Areté*, aqui, pois, não tem relação com “santo de pau oco”! *Areté* justamente se opõe a isto porque é uma virtude, uma força, um poder que nasce e se desenvolve desde dentro, no silêncio e solidão, sem holofotes, no anonimato de uma vida oculta, preenchendo, melhor, irradiando desde dentro até atingir a totalidade do homem e dos homens. Um homem que atingiu a *areté* é um indivíduo singular (*den Enkelte; Selv*) porque não tem mais um oco, mais hipocrisia, porque o oco originário, o vazio de sua constituição indeterminada foi preenchido pelo Ser, melhor, este indivíduo singular foi atingido, tocado, afetado (*Pathos*) por um modo de ser. Apropriando-se de um modo de ser o indivíduo se singulariza, sendo preenchido, sendo unificado, sendo um si-mesmo ao se determinar efetivando um modo de ser, ele torna-se perfeito (*areté!*) por ser feito, do princípio ao fim, através daquilo que fez. A *areté* indica, pois, a perfeição do homem, o ser atravessado de cabo a rabo pela conquista de sua identidade, de sua feição. A *areté* em afirmando e ficando força, virtude, poder na existência do homem concretiza a *excelência* do homem em se fazer verdadeiro homem. A *areté* é outro nome para dizer o devir existencial do homem, o movimento que desde si mesmo (*Individ*) apropria-se ou conquista a si-mesmo (*den Enkelte; Selv*). Este movimento do homem se fazer Homem, singularizando-se, da vida se fazer Vida, do si mesmo se fazer *Selv* é o movimento, a

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

passagem da não-verdade para a verdade e, assim, é o pão de cada dia que alimenta todo filósofo. Filósofo tem que se ocupar primariamente disto e explicar somente isto. Apenas e somente isto! É aí que a filosofia acontece, aparece, nasce, cresce e se eterniza! “E o Logos se fez carne e habitou entre nós”. “Vinde e vede!”

Este movimento que acima descrevemos como sendo a *paidéia* kierkegaardiana que se confunde com a própria filosofia agora se conecta também com a *areté*. A *paidéia*, com efeito, visa a *areté*. A *paidéia*, enquanto educação ou formação, tende para, inclina-se para a *areté*. O *telos* da *paidéia* é, pois, a *areté* enquanto e como a excelência, a nobreza do homem. A *areté* é, então, a realidade efetiva da *paidéia* enquanto esta é a possibilidade cumprida daquela. A *paidéia*, porém, não se determina como meio ou instrumento que se deve adquirir para se atingir uma determinada finalidade. A *paidéia* compreendida nesta decadência, ou derivação de seu sentido mais originário, seria justificável ou teria validade apenas pelos seus resultados. Os resultados, os fins justificariam e garantiriam autoridade e valor para a *paidéia*. Mas a experiência grega e o modo grego de falar *paidéia* e *areté* é mais radical por estar enraizado com a experiência da própria vida fazer Vida, do si mesmo tornar-se si-mesmo. A *paidéia* estabelece uma tensão em sua inclinação para (*filia*), em seu estar afinado para a *areté* sem que isso se realize em degraus, em progresso quantitativo, mas como um salto qualitativo⁷. A *paidéia* não se validaria pela *areté* porque a *areté* não é

⁷ Aqui, a lógica, ou o “mito do intelecto”, como gosta de expressar Vigilius Haufniensis, “explana o círculo como uma linha reta, e aí tudo se passa naturalmente (KIERKEGAARD, 2010, p. 34). Retirando o fenômeno de seu caráter de círculo, de paradoxo, o esvazia de seu verdadeiro sentido. A lógica, a filosofia de autópsia, o professor legista, vestido sempre a caráter, de paletó e, às vezes, até de gravata, com a seriedade (sem de fato ser), afinada com seu trabalho, não compreende o que está em causa: “A qualidade

A paidéia kierkegardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

simples resultado de algum processo, mas, antes, originariamente, a *paidéia* realiza, concretiza a *areté* em cada instante de seu vir a ser. A *paidéia* é a possibilidade de poder ser ou ser-capaz-de, *areté*. A *paidéia* já é, então, em si mesma, *areté*. A *areté* fala eloquentemente deste movimento (*paidéia*) de engendramento do novo, do renascimento do novo homem, do homem que essencializa sua humanidade singularizando-se, o homem *mais* homem, o *Selv*. Gilvan Fogel descreve com olhar de filósofo este movimento:

A educação, *paideia*, já é *areté*. O movimento para a coisa já é a própria coisa, isto é, o movimento para a *areté*, a *paideia*, já é ele mesmo *areté*. *Areté* é, pois, formação, educação; educação, formação, é, pois, *areté*. E *areté*, dizendo virtude, força, claro, não pensa ou subentende força no sentido bruto ou físico, mas força no sentido de força de ânimo, de alma, que é força vital, vitalidade. Isso, para o grego, está ligado à *excelência*, à *nobreza* ou ao *aristocrata*, isto é, ao *forte*. Mais uma vez, aristocracia, nobreza, aqui, são termos que, de modo algum, tem conotação étnica, social ou política, **mas, sim, antes, filosófico-vital ou existencial**. Referem-se pois à essência do homem, à vitalidade humana. Nobre, aristocrata, *forte*, é o homem *mais* homem, isto é, aquele que mais decidida e mais essencialmente realiza a sua humanidade. **Educar é cultivar isso, cuidar disso**. Nesse contexto, a educação, a “*paideia*”, visa conquistar e realizar a “*areté*” e isso através da transformação do homem pelo homem, ou seja, através da transformação da humanidade do homem pelo próprio homem e isso quer dizer: através de seu saber radical ou fundamental a respeito da realidade como um todo e de si próprio, em particular – **isso, porém, é a filosofia** (FOGEL, 2010, p. 38, grifo do autor, negrito nosso).

A *paidéia kierkegardiana* enquanto este movimento, este devir que conduz o homem para ser mais propriamente homem, para ser homem em sua excelência traduz a *areté*. A *paidéia kierkegardiana* enquanto núcleo da

nova surge com o primeiro, com o salto, com a subitaneidade do enigmático” (KIERKEGAARD, 2010, p. 32).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

filosofia de Kierkegaard implica em *areté*, quer dizer, num tipo de filosofia que postula a exigência de modificação da própria existência apropriando-se da efetivação da possibilidade mais própria que torna um si mesmo, um si-mesmo — um *Sehv*.

Como, pois, se caracteriza ou se apresenta a filosofia de Kierkegaard ou *A paidéia kierkegaardiana*? O diagnóstico da época, quer dizer, de toda e qualquer época, é de que o homem está na não-verdade, está doente, não se encontra na verdade, com saúde, curado. O si mesmo (*Individ*), o modo de ser do esteta, inicialmente está na não-verdade, na indeterminação que vai se determinando na ilusão. Para tornar-se si-mesmo (*Sehv; den Enkelte*), no modo de ser do ético-religioso ou religioso, precisa cotidianamente despertar, se conectar, ou se religar ao Poder que constitui e constituiu sua própria “originalidade primitiva” (*Primitivitet*) ou “estrutura primitiva” (*nemlig primitivt*) (KIERKEGAARD, 2008a, p.55; SKS 11,149), quer dizer, ontológica; não no além, mas nele mesmo, no que ele é. Aqui, realizou o movimento da *paidéia* tornando-se curado do desespero, do desacordo de sua constituição impossibilitando de ser si-mesmo. Tornando-se si-mesmo, o homem *mais* homem, essencializando seu ser homem ao se singularizar, a *areté* do homem sendo e-videnciada, a própria existência com sua singularidade proclama: *Ecce homo!* Na linguagem filosófica de Kierkegaard significa: este homem *mais* homem, a excelência do homem, sua nobreza é o ter se tornado cristão ou simplesmente, um homem singular. Em Kierkegaard tornar-se homem ou cristão coincidem por ser uma única experiência que não depende de doutrina ou Igreja, mas de uma apropriação existencial do eterno na finitude do homem religando-se ao Poder, não no além, mas na finitude do próprio homem, sendo Ele, Deus, este Poder,

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

constitutivo e constituinte da própria estrutura primitiva do si-mesmo frente a qual o si-mesmo não tem poder. Por isso que o si-mesmo tem sua fundamentação não nele mesmo, mas num Poder que fundamenta a sua possibilidade de poder ser.

É por tudo isto que Kierkegaard criou seu projeto filosófico em dois percursos dialéticos, a *pseudonímia* e a *religiosa*, considerando a necessidade de retirar o homem da ilusão, ou torná-lo atento sobre sua situação na não-verdade. Pensar com Kierkegaard a filosofia, quer dizer, o homem e a realidade efetiva, com apenas um olho ou um olhar é sofrer de estrabismo dificultando ver a coisa mesma que está em causa. Na maioria das vezes, quando a formação na filosofia se dá como erudição, buscando na filosofia respostas imediatas para solucionar problemas do real, dificilmente o estudante e professor não sofrerão de ambliopia filosófica ao olhar para a tradição filosófica. Mas fazer filosofia, estudar e/ou lecionar, implica num empreendimento difícil precisamente por exigir *acuidade de visão* como admoesta Platão antes de iniciar a construção filosófica da República: “a pesquisa que íamos empreender [filosofia] **não era coisa fácil, mas exigia, a meu ver, acuidade de visão**” (PLATÃO, 2010, p. 71, 368c, grifo nosso). Daí que em *Ponto de Vista Explicativo da Minha Obra de Escritor* Kierkegaard oferece, por assim dizer, os óculos para que o leitor (a) possa ver com nitidez a coisa mesma que está em causa:

O primeiro grupo [primeiro percurso] de escritos constitui a produção estética [pseudônima]; o último [segundo percurso], a produção exclusivamente religiosa: o *Post-Scriptum definitivo e não científico* encontra-se entre os dois, formando o *ponto crítico*. Esta obra põe e trata “o problema” que é o de toda a obra, de tornar-se cristão [...] (KIERKEGAARD, 2002, p. 31-32, grifo do autor).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Chegou, pois, o momento para explicitar o método da comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana. Método aqui também deve ser compreendido em sentido grego como *metá-bodos* e não no sentido das ciências. *Metá-bodos* está dizendo um modo de se caminhar por um caminho (*bodos*) que determinará ou conduzirá a uma finalidade (*metá*). Aqui, para desespero da Lógica, ou do filósofo ou *Herr* professor *legista*, a finalidade não se dá como fim do processo, mas é ela mesmo o próprio caminho. O en-caminhar-se pelo caminho, lançando-se num modo de caminhar já é em si mesmo, a cada instante de seu vir a ser, o *metá*, a finalidade, o *telos*. Este modo de se caminhar na filosofia e, portanto, na *paidéia* kierkegaardiana, se dá ou se realiza mediante a comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana. A necessidade da comunicação indireta engendra a produção pseudônima e religiosa. A totalidade da obra ou do *corpus* kierkegaardiano, portanto, é constituída desses dois olhos ou desses dois olhares sobre a coisa, a saber, o tornar-se homem ou cristão. Que é, pois, método da comunicação indireta? Existe uma necessidade de natureza *filosófica* para criar essa dialética da produção pseudônima e religiosa, ou é um mero capricho de Kierkegaard que não tem implicação em sua filosofia?

II

Qual o sentido do método da Comunicação Indireta (*indirecte Meddelelse*) engendrar a produção pseudônima e religiosa? Em que se fundamenta este procedimento? Esta tática ou estratégia de Kierkegaard, enquanto escritor-filósofo, foi conscientemente arquitetada para combater

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

uma dupla ilusão, ou duas dimensões de uma ilusão que corroía a vida doméstica e social dos indivíduos e na cultura, particularmente, na filosofia e na teologia, a saber: a ilusão da convicção, na cristandade, de acreditarem que já são cristãos, e a ilusão acústica de pensarem que o cristianismo se resolve ou se explica pelo conceito, pela reflexão, pela filosofia. Do ponto de vista filosófico, grego, isto gera um equívoco para o pensamento, pois o homem encontra um obstáculo para realizar ou cumprir sua essencialização ou singularização, o tornar-se o que precisa vir a ser. Ora, ao perseguir uma compreensão de homem dada pelo cristianismo que foi falsificado na modernidade e chega com Hegel, no início da contemporaneidade, a seu ápice, em que a filosofia se perde a si mesma na abstração, o homem vive ou critica um cristianismo caricaturado. E, assim, a filosofia moderna desorienta o homem através do excesso de reflexão protelando ao infinito a efetivação da ação dificultando ou mesmo impossibilitando do homem ser mais homem. Esta acústica reverbera na vida prática dos indivíduos fazendo da cristandade uma falsificação do verdadeiro cristianismo. A vida prática dos cristãos perde a essência do cristianismo e, assim, desprovidos do crístico, perdem a medida de Deus, acomodando-se num cristianismo que de muitos modos reforça a ilusão de já serem cristãos, portanto, matando o movimento de conversão, todos se eximem de se esforçarem numa ação efetiva à medida de Deus porque já tem à medida do pastor, da Igreja, da cristandade. No âmbito, pois, da vida prática, já não existe prática efetiva muito embora prevalece a ilusão de *como se* existisse e, no campo da cultura, na filosofia e teologia, a compreensão e reflexão tem primazia sobre a prática, a ação, na ilusão que deste procedimento por si já fosse a ação.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Instaura-se um círculo vicioso (não o círculo virtuoso do paradoxo de toda filosofia verdadeira!) perdurando a ilusão como e enquanto ilusão.

Tem razão Anti-Climacus/Kierkegaard quando afirma existir uma diferença qualitativa entre o paganismo grego e o paganismo dentro do cristianismo. Anti-Climacus declara sem ambiguidade:

Esta diferença consiste em que o paganismo antigo desconhece, sem dúvida, o espírito, porém está contido orientado para o espírito, enquanto ao paganismo dentro da cristandade falta-lhe o espírito no sentido de que foi afastando-se dele, traindo-lhe, o que faz com que este último e peculiar paganismo represente uma negação do espírito muito mais rigorosa (KIERKEGAARD, 2008a, p. 69, tradução nossa).

Temos, pois, dois tipos de paganismo: o grego, anterior ao surgimento do cristianismo, e o paganismo *no* cristianismo, *na* cristandade e *na* cultura, afirmando-se, não obstante, cristão. O paganismo grego está orientado *para* o espírito. Por isso “é bem mais preferível” (KIERKEGAARD, 2010, p. 103) – é categórico em afirmar Vigilius Haufniensis/Kierkegaard. A situação do paganismo dentro do cristianismo é periculosa porque carece de espírito, não possui o espírito e, assim, falsifica o espírito, exorciza-o, dando, porém, a ideia de que o possui. A citação acima de Anti-Climacus praticamente retoma, como ele bem declara, a reflexão de Vigilius Haufniensis, cinco anos antes, em 1844, em *O Conceito de Angústia*:

Na a-espiritualidade [cristandade e filosofia moderna!] não há nenhuma angústia, para tanto é por demais feliz, é por demais contente, por demais carente de espírito. Este motivo é, porém, muito triste, e neste ponto a diferença entre o paganismo e a falta de espiritualidade consiste em que aquele

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

se dirige *para* o espírito, e essa se *afasta* do espírito. O paganismo é, pois, pode-se dizer, ausência do espírito, e como tal muito diferente da insipidez espiritual [...] A a-espiritualidade é a estagnação do espírito e a caricatura da idealidade (KIERKEGAARD, 2010, p. 102-103, grifos do autor).

O decisivo nessas passagens para compreender a crítica kierkegaardiana está no conceito de “espírito”. Primeira linha do capítulo 1 Anti-Climacus escreve: “O homem é espírito. Mas o que é espírito? O espírito é o eu [si-mesmo]” (KIERKEGAARD, 2008a, p. 33, tradução nossa). O si-mesmo em sendo espírito está dizendo que o si-mesmo se conecta com o eterno no si-mesmo e, deste modo, cumpre ou realiza sua essencialização ou singularização ao se tornar o homem mais homem. Vigilius Haufniensis explica a inocência, quando o indivíduo se encontra na não-verdade, quer dizer, quando ainda não se determina como espírito: “A inocência é ignorância. Na inocência, o ser humano não está determinado como espírito, mas determinado psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade. O espírito está sonhando no homem” (KIERKEGAARD, 2010, p. 44-45). Neste caso o espírito está presente, mas de forma paradoxalmente ausente, “está sonhando”, entretanto, pode ser despertado e, então, o homem efetiva sua singularização, sua passagem da não-verdade para a verdade, determinando-se não mais “psiquicamente em unidade imediata com sua naturalidade”, mas como espírito, realizando ou efetivando a síntese do si-mesmo. Este despertar é o papel de toda filosofia e, portanto, a *paidéia* kierkegaardiana visa esse movimento existencial.

Kierkegaard tem o olhar grego, socrático, e o olhar crítico desvelando o equívoco de toda a filosofia moderna. É preferível a filosofia

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

antiga que, na radicalidade de seu pensar, está numa situação de *abertura* ao espírito, do que a filosofia moderna. Esta, mesmo trabalhando os conteúdos do cristianismo, justificando-o filosoficamente, sobretudo em Hegel, na verdade, *afasta-se* do espírito. Por isso que Climacus em *Migalhas filosóficas* realiza um pensar que faz justiça ao grego e ao crístico, ao filosófico e ao bíblico por causa desses dois olhos ou das duas perspectivas de visão de Kierkegaard: a perspectiva socrática (grega) e a crística (ou o “experimento teórico” [*Tanke-Projekt*], o “Projeto de Pensamento” do cristianismo).

O método da comunicação indireta ou maiêutica kierkegaardiana encontra sua fundamentação nesta dupla ilusão e é arquitetado conscientemente por Kierkegaard com a finalidade de destruí-la. Sua filosofia e, portanto, a paidéia kierkegaardiana está a serviço dessa destruição. A produção pseudônima tem sobretudo, como apontamos, a mesma função que João Batista tinha em relação a Cristo, a saber, “preparar o caminho do Senhor”, estabelecendo uma crise, um dar-se conta do equívoco da tradição filosófica e da vida cotidiana criando no homem, no si mesmo uma abertura ao espírito suplantando o vazio do si mesmo no movimento integrativo, unitivo do tornar-se si-mesmo. A produção religiosa, trabalhando *as mesmas questões* dos pseudônimos, mas desde outra tonalidade afetiva (*Stemming*), *complementa, aperfeiçoa* a destruição operada pela pseudonímia, edificando sobre os destroços da ilusão algo novo no *novo* homem, no homem mais homem, quer dizer, no si-mesmo ao sintetizar o si mesmo singularizando-se.

Kierkegaard (1813-1855) não tendo morrido em 1846 como, estranhamente, julgava que aconteceria e, portanto, tendo continuado sua

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

produção, considerou que chegara a um acabamento em 1848. Ele redige, então, a obra *Ponto de Vista da Minha Obra de Escritor: uma comunicação direta, relatório à história*, mas que só será publicada postumamente em 1859, por seu irmão o bispo Peter Christian. Nesta obra está descrito o método da comunicação indireta inclusive com um grande investimento argumentativo por parte de Kierkegaard não só para esclarecer a necessidade deste método para destruir a ilusão como também para elucidar que o *corpus kierkegaardiano* foi previamente e conscientemente construído com esta finalidade. Portanto, as obras não foram surgindo como mero desenvolvimento temático de alguma questão, nem a preponderância dos escritos religiosos, notadamente, do segundo percurso, depois de 1846, não se deve ao fato do autor ter se tornado religioso com a idade tendo abandonado a produção estética que estaria relacionada com sua juventude. Kierkegaard é claro em seu autorretrato, ao olhar para a sua produção, com a seguinte “explicação: que o autor é e foi um autor religioso” (KIERKEGAARD, 2002, p. 33). No início e no fim de sua produção existem obras tanto estéticas quanto religiosas ainda que no segundo percurso predomine a religiosa após a produção pseudônima ter aplainado, preparado o caminho destruindo a ilusão provocando a abertura para o acolhimento da produção religiosa na tonalidade afetiva (*Stemining*) apropriada, própria.

O *Ponto de vista* escrito em 1848 foi, portanto, publicado postumamente em 1859, em virtude de muitos pudores e cautelas de Kierkegaard. Este tendo considerado que, em 1848, sua produção filosófica chegara a um acabamento, era imprescindível um esclarecimento sobre sua produção, sobre seu método, sobre a utilização dos pseudônimos com sua

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

lógica, psicologia e estilos de escrita peculiares. Então, em 1851, publica, por assim dizer, uma edição reduzidíssima, de pouquíssimas páginas, do *Ponto de vista* chamado *Sobre Minha Obra de Escritor*. Em 1849 — mas que na verdade só veio a público como uma obra separada em 1965⁸ em dinamarquês — temos *A Neutralidade Armada ou Minha Posição como Autor Cristão na Cristandade*. Temos algumas páginas de *Exercícios no Cristianismo*, em 1850, que Anti-Climacus se ocupa em explicar sobre a natureza da comunicação indireta: a dupla-reflexão e a reduplicação. Em 1846 com o *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas* temos algumas páginas sobre a importância da forma da comunicação artística do pensador subjetivo que encarna a comunicação indireta. Portanto, o *Ponto de Vista, Sobre a Minha Obra de Escritor*, e *A Neutralidade Armada*, tratam especificamente de explicar a posição de Kierkegaard diante de sua produção filosófica e, por assim dizer, confessar que sempre foi um ator religioso e, por isso, um cristão, apesar dos vários disfarces pseudônimos de boa parte de sua produção. Algumas páginas das obras *Exercícios no Cristianismo* e do *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, em relação ao método da comunicação indireta, se ocupam de explicar a forma desta comunicação.

Se existe, como defende Kierkegaard, o fenômeno do paganismo dentro do cristianismo, então é necessário um “missionário” (KIERKEGAARD, 2002, p. 47) que reintroduza novamente o cristianismo. Mas essa tarefa tem que ser revestida de uma tática peculiar para que possa obter o êxito, ou ao menos tornar os homens atentos. Ora, esta é a tarefa que Kierkegaard assume construindo conscientemente um

⁸ Informação extraída da Introdução (p. XXV) do Tomo XVII das *Oeuvres Complètes* de Kierkegaard (OC 17).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Projeto Filosófico, através de seu *corpus philosophicus*, de destruição daquela dupla ilusão. Conduzir para o verdadeiro cristianismo, o cristianismo do Novo Testamento, não se faz com apologia, com dogmatismo, doutrinação, arrebanhando muitas pessoas com proselitismo farisaico, ou na atmosfera do zelotismo da letra, de normas empoeiradas de um cristianismo conservador, ou do mofo de um tradicionalismo alérgico à existencialidade do rigor e amorosidade do verdadeiro cristianismo com toda a plenitude da Boa *Nova*. Conduzir para, quer dizer, o movimento dialético da paidéia kierkegaardiana se efetiva ao provocar uma crise existencial em que o despertar existencial do indivíduo o coloca na necessidade de manter uma relação de apropriação existencial com o cristianismo. Isso não se faz criticando e condenando ao inferno a vida estética, de prazeres, entretenimentos, curiosidades filosóficas e científicas sem a seriedade da consequente modificação da existência. Este missionário também não deve se colocar em situações, ou manipulá-las, para que se mostre como sendo alguém com autoridade moral, nem como alguém que tem uma autoridade intelectual ou sapiencial acima dos demais, ou que goza de uma direta predileção divina como clérigo, ou docente, ou carismático.

Se todos estão na ilusão, dizendo-se cristãos, e se é necessário trabalhar contra isso, esta noção deve ser dirigida indirectamente, e não por um homem que proclama bem alto que é um cristão extraordinário, mas por um homem que, mais bem informado, declara que não é cristão (KIERKEGAARD, 2002, p. 43).

A dialética da produção pseudônima e produção religiosa, enquanto método da comunicação indireta, são como as *armas* para destruir a ilusão, os dois olhos de Kierkegaard para ver a coisa nela mesma reconhecendo

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

toda impostura e inautenticidade. Esta duplicidade dialética de seu *corpus philosophicus* é tão somente a encarnação ou o ter dado corpo à ironia analisada em sua tese de doutorado em 1841: *O Conceito de Ironia Constantemente Referido à Sócrates*.

Este missionário que deve reintroduzir o cristianismo no paganismo dentro do cristianismo deve saber se colocar no lugar do outro, de seu interlocutor, daquele que se julga um cristão verdadeiro mesmo sendo um esteta sensual, ou intelectual. Eis o sentido *filosófico* dos pseudônimos em que reproduzem uma situação existencial através de um drama real vivido por este que deve receber a Boa Nova do cristianismo verdadeiro, retirando-o da ilusão, ou tornando-o atento. O pseudônimo, enquanto representa um indivíduo particular e não uma abstração da verdade ou do Espírito Absoluto, possibilita ao leitor se identificar com o seu modo de vida e de pensar, evidenciando, entretanto, em algum momento da obra, os limites desse modo de existência abrindo para o mesmo a possibilidade de desejar uma outra possibilidade de poder ser, de se determinar de outro modo para livrar sua existência do vazio existencial que o pseudônimo mostra de forma arrebatadora, mas num estilo muito espirituoso, literário, de grande profundidade psicológica e embasado na tradição filosófica. A decisão, porém, é sempre do leitor. Kierkegaard não escreve para demonstrar de forma lógica uma posição que deve ser reconhecida como verdadeira e, portanto, ser aceita.

A palavra pseudônimo está dizendo no *pseudo* grego que essa possibilidade de poder ser ainda não é o nome verdadeiro, ainda não transparece a verdadeira identidade, não sendo, pois, um modo autêntico de ser possível de um *Seh*, um si-mesmo. Pseudônimo não diz, pois, apenas

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

um falso nome, não está dizendo a falsidade de uma identidade. *Pseudo* do pseudô-nimo, em grego, evoca apenas que *ainda não é o verdadeiro nome*, mas que não implica ser falso porque muitos indivíduos (si mesmos; *Individ*) existem na realidade efetiva desde essa possibilidade de poder ser enquanto modo de existência⁹. É justamente para esses que vivem na ilusão de que acreditam ter o verdadeiro nome, que pensam que possuem um si-mesmo, um *Selv*, que os pseudô-nimos, através da comunicação indireta, possibilitam serem uma ocasião, uma possibilidade de poder despertar e, assim, despertados da ilusão, darem-se conta de que precisam se colocarem no movimento existencial da paidéia kierkegaardiana para desde si mesmo tornarem-se si-mesmo, e, assim, tornarem-se um homem mais homem, um *Selv*, um cristão.

Evoca [...] o mundo estético... e tu, homem sério e austero (lembra-te que, se não podes humilhar-te, já não és um homem sério) sê o ouvinte que os propósitos do teu interlocutor mergulham no espanto, muito divertido em os formular, e mais ainda em te ver assim atento; mas, sobretudo, não esqueças uma coisa, a retenção da adição, o religioso que tens em reserva. Ou se puderes, muito bem: descreve o mundo estético com todo os seus encantos, cativa, se possível, o teu interlocutor, mostra este mundo tomando o tom da paixão que convém a este homem, petulante se é jovem, triste se é melancólico; espirituoso se gosta de belas palavras, etc.; **mas, sobretudo, não esqueças uma coisa, a retenção da adição, o religioso a**

⁹ A existência entendida como um modo de ser possível, por exemplo, ou esteta ou ético-religioso, não está dizendo de uma passagem da não-verdade para a verdade que seja necessária. O indivíduo, um si mesmo, pode escolher não entrar no movimento de tornar-se si-mesmo, um *Selv*. Entretanto, o que se diz em tudo que foi dito é que existe a necessidade de apropriar-se de um modo de ser, quer dizer, não se pode não escolher um modo de ser porque o homem já está desde que aparece no mundo como e enquanto homem num horizonte de sentido, num modo de ser. O que a paidéia kierkegaardiana procura é educar o homem para que possa entrar no movimento existencial de seu poder ser mais próprio, tornando-se o que não poderia não ser se deseja ver-aparecer sua verdadeira identidade, seu si-mesmo (*Selv*).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

apresentar; age apenas e sem receio, porque, na verdade este método só é possível num grande temor e tremor. És disso capaz, podes encontrar exatamente o ponto onde se encontra o teu interlocutor e começar aí, terás talvez a sorte de o conduzir ao ponto onde tu estás. Ser mestre não é cortar a direito à força de afirmações, nem dar lições para aprender, etc.; ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quando tu, o mestre, aprendes com o teu discípulo, quando te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como o compreendeu [...] (KIERKEGAARD, 2002, p. 46-47, grifo nosso)¹⁰.

Esta longa citação articula explicitamente a necessidade da produção estética falar a língua do esteta, do homem iludido, com a educação, com o ensino. Na verdade, a educação, o ensino, para que possa ter êxito, melhor, para que a possibilidade de êxito seja algo real, é preciso partir da “realidade efetiva” (KIERKEGAARD, 2010, p. 21), como exige Vigilius Hafniensis/Kierkegaard. É preciso recriar a tonalidade afetiva (*Stemning*) na qual se move o homem iludido, através da tonalidade afetiva (*Stemning*) do pseudônimo, para que se desdobre o drama existencial da

¹⁰ Essa tradução portuguesa foi traduzida por João Gama a partir da edição das *Œuvres Complètes* de Kierkegaard, Tome XVI, traduzida por Paul-Henri Tisseau. O tradutor francês traduziu essa frase que coloquei em negrito: “mais surtout, n’oublie pas une chose, la **retenue de l’addition**, le religieux à presenter” (KIERKEGAARD, 1971, p.22, grifo nosso). No original lemos: “men glem for Alt ikke Eet, **Menten**, som Du har, at det er det Religieuse, der skal frem” (SKS 16,28, grifo nosso). Difícil essa opção da tradução por “retenção da adição”. O fato é que nesse contexto em que o escritor religioso precisa se apresentar na cristandade, em que impera a ilusão, ele precisa escrever obras estéticas para cativar e seduzir o homem que vive na não-verdade com o intuito de libertá-lo da ilusão. Deve, pois, falar a linguagem desse homem, esteta, afetando-o de diversos modos, mas não pode esquecer o fundamental que é o religioso que está por vir, o acontecimento do religioso que a produção estética apenas prepara. Como estou utilizando a tradução portuguesa (e francesa) conservo, pois, os termos escolhidos pelo tradutor. O que é essencial, porém, no contexto e como estou interpretando é que a produção pseudônima, estética é o incógnito (*Æsthetiske Incognito*) porque *retém* o religioso, quer dizer, ela conduz o homem *através* da desconstrução crítica da tradição filosófica para o edificante, para os *Discursos* (*Edificantes e Cristãos*) onde encontra-se o *acontecimento do religioso que estava por vir* (*det Religieuse, der skal frem*) em sua plenitude, sendo isto o decisivo (*det Afjørende*).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

verdade da apropriação (*Tilgelses Sandhed*). A pseudo-nímia retrata essa apropria-(a)ção, a saga, a luta e conquista da verdade.

Na verdade, ser mestre, ter como tarefa ou incumbência ensinar algo, de natureza ético-existencial ou religiosa, a alguém, implica utilizar do método da comunicação indireta. As questões fundamentais do homem, existenciais, como é próprio das questões éticas e religiosas, não devem ser comunicadas diretamente, mas de forma indireta. Nas ciências prevalecem a comunicação direta (ou de saber), na ética e religião uma comunicação indireta (ou de poder)¹¹. Nas questões existenciais em que o pesquisador está implicado com aquilo que pesquisa e, portanto, por não se tratar de um objeto exterior, um *positum*, envolvendo, ao contrário, interioridade, apropriação, subjetividade é imprescindível uma forma indireta de comunicação. É mister a pseudonímia, a utilização de várias linguagens que afetem de fato o interlocutor mobilizando-o a modificar a própria existência¹². É preciso perceber neste procedimento uma mentira, um engano, um *pseudo*, implicado no procedimento. Sim, no processo educativo, pedagógico, está embutido a arte do engano na direção da verdade! Não se assume a pseudonímia, não se adota uma linguagem por ela mesma, mas por causa do religioso, para possibilitar o tornar o homem mais homem, o si-mesmo. A pseudonímia é “a retenção da adição”, quer

¹¹ Para um maior desenvolvimento dessa discussão da qual Kierkegaard acusa a filosofia moderna de nem sequer discutir sobre esse problema da comunicação veja o pequeno livro de Kierkegaard (1980, OC 14): *A dialética da comunicação ética e ético-religiosa* de 1847. E, também, no *Pós-escrito às migalhas filosóficas* de 1846 no Volume 1 (2013) ver os números 1 e 2 do Capítulo 2, da Seção 1 da Segunda Parte, e no Volume 2 (2016) o parágrafo 4 do capítulo 3.

¹² Daí os vários gêneros literários, os diversos estilos de escrita, a profundidade psicológica na descrição dos fenômenos da existência em que cada pseudônimo de forma particular encarna em cada obra.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

dizer, o religioso é o *telos* da pseudonímia, sua complementação, aperfeiçoamento, acabamento. “Pode enganar-se um homem em vista do verdadeiro e, para lembrar o velho Sócrates, enganá-lo para o levar ao verdadeiro. É mesmo a única maneira quando ele é vítima de uma ilusão” (KIERKEGAARD, 2002, p. 53-54). Portanto, o estudioso da filosofia ao ler Kierkegaard deve sempre cotejar a análise de um conceito desenvolvido numa obra pseudônima com a produção religiosa do mesmo ano, os *Discursos Edificantes*, ou os *Discursos Cristãos* na busca pela “adição” que foi “retida” pelo pseudônimo.

Em *A Neutralidade Armada* aparece, como sempre, a perspicácia de Kierkegaard como filósofo. Kierkegaard retira a expressão de um contexto político, sem interesse em aprofundar historiograficamente estes fatos, mas como filósofo abstrai, transcende dessa situação e aplica-o ao seu problema filosófico por excelência. O cochilo erudito é querer conhecer todos os detalhes deste contexto: estrabismo, ambliopia ou ametropia filosófica! Kierkegaard, porém, como um vigilante (*Vigilius*), está desperto (não cochila!), consciente que o mais fundamental é compreender a expressão como algo apropriado ao problema, ao único problema a partir do qual todos os outros derivam, a saber, o si-mesmo ou tornar-se cristão e a imbricação com a realidade efetiva.

Como a obra consiste em evocar esta imagem ideal [do ser cristão] é, então, mais um trabalho que **insiste sobre certas diferenças fundamentais necessárias a seu cumprimento**. Sobretudo em função das múltiplas confusões da época moderna: eu tenho, para caracterizar minha posição, escolhido as palavras “**neutralidade**” e “**armada**” (KIERKEGAARD, 1982a, p. 235-236, tradução nossa, grifo nosso; OC 17).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

A neutralidade armada é a expressão que Kierkegaard utiliza para retratar seu papel como escritor cristão na cristandade. Não se apresenta como um cristão, nem muito menos como um extraordinário, mas que almeja trabalhar para alcançar isto através da comunicação indireta. Ele quer lançar luz no cristianismo tendo *in mente* o ideal do ser cristão com toda a severidade nisto implicado. A filosofia ao tratar do homem e do cristianismo desconsidera “diferenças fundamentais necessárias a seu cumprimento”, quer dizer, as determinações intermediárias (*Mellembestemmelser*) como angústia, desespero, amor, preocupação, paciência, repetição etc. a partir das quais o homem torna-se homem ou depara-se com uma dupla dificuldade: angústia ou dor do tornar-se si-mesmo, a dor de se fazer homem, ou no fracasso ao tentar tornar-se homem em virtude de ser tomado e arrastado por uma forma de desespero.

A neutralidade armada é o correlato filosófico da maiêutica socrática. Não é uma neutralidade passiva, pois isso não existe. Mas uma neutralidade ativa, quer dizer, armada. Ela indica sua postura, posição como escritor religioso na cristandade. Assim como Sócrates se apresentava diante dos sofistas, que se julgavam sábios, como sendo o ignorante, assim Kierkegaard se apresentava na cristandade, em que todos se consideravam cristãos, ainda que vivessem sob categorias estéticas, como um autor religioso que, por mais que se esforçasse com total sinceridade, não conseguia ser cristão. Esta ironia socrática, ou maiêutica kierkegaardiana, ganha vida e vivacidade nos pseudônimos. Vigilius Haufniensis, por exemplo, antes de mostrar a forma docente, ou mesmo ao utilizá-la na obra, escrevendo em parágrafos numerados com toda a solenidade de um

A paidéia kierkegardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

professor de dogmática, em muitos momentos desvela ironicamente essa situação com muito humor:

No que toca a minha humilde pessoa, confesso com toda a sinceridade que como autor sou um rei sem terra, mas também, em temor e muito tremor, um autor sem quaisquer pretensões. Se a alguma nobre inveja ou zelosa crítica parecer uma demasia que eu use um nome em latim, então com alegria passarei a chamar-me Christen Madsen, desejando acima de tudo ser considerado como um leigo que decerto especula, mas no entanto encontra-se bem fora da especulação [...] (KIERKEGAARD, 2010, p. 10).

Nessa passagem percebemos a atuação da “neutralidade armada”, da comunicação indireta. Kierkegaard justamente por ter consciência de sua missão como filósofo ou escritor religioso, um “rei sem terra”, ainda assim ajusta-se na justa medida de sua missão não querendo ter autoridade, nem ter grandes pretensões sobre aquilo que escreve ou sobre o destino de suas obras¹³. Nisto aparece a neutralidade. Mas a atividade, o ativo, dessa neutralidade é ser armada. Isto fala da dialética da comunicação indireta, de sua maiêutica, da produção pseudônima e religiosa. Na produção religiosa, enquanto comunicação direta, possibilitada pela produção pseudônima,

¹³ Nessa mesma atmosfera Johannes Climacus inicia o prefácio de *Migalhas Filosóficas*, mesmo ano de *O Conceito de Angústia*: “Isto que aqui se oferece não passa de um pequeno folheto, *próprio Marte propriis auspiciis, proprio stipendio* [por nossos próprios meios, sob nossos próprios auspícios, às nossas próprias custas], sem nenhuma pretensão de participar da evolução da ciência, onde a gente adquire sua legitimação quer como um representante da passagem, da transição, ou da conclusão, quer como um precursor, como participante, como colaborador ou seguidor voluntário, como herói, ao menos um herói relativo, ou no mínimo como um corneteiro de importância absoluta” (KIERKEGAARD, 2008b, p.19). Quanta sobriedade para um filósofo! Ou melhor: é possível ser filósofo fora dessa sobriedade?! Quantos não se debandam ou se movem, na Academia, embriagados nessa *hybris*, lutando e se esforçando não para conquistar um si-mesmo, mas para ser ao menos *à tout prix* um “corneteiro”! Quanto ensinamento e admoestações, pelo próprio exemplo, que constringe a nós estudiosos de Kierkegaard quando adotamos outras disposições ao estudar este filósofo que não era de Berlim, mas de Copenhague!

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

aparece a “adição” do que foi “retido” nesta. A neutralidade armada é justamente o movimento dialético da desconstrução (pseudonímia) e edificação (religiosa), não vistos isoladamente, mas na intercomunicação de ambas. Na passagem citada acima da obra *O Conceito de Angústia* – como acontece em toda obra pseudônima – existem vários trechos, por exemplo, no qual Vigilius/Kierkegaard revela que a obra precisa ser complementada por nela existir, como obra pseudônima, a “retenção da adição”, quer dizer, o último capítulo já trata da fé, mas precisa continuar o desenvolvimento temático nos *Discursos Edificantes* de 1844: “um leigo que decerto especula, mas no entanto encontra-se bem fora da especulação”. A especulação é o diálogo crítico com a tradição filosófica. A especulação, pois, é a tonalidade afetiva (*Stemming*) da pseudonímia e o estar “fora da especulação” é a tonalidade afetiva dos *Discursos Edificantes*, ou *Discursos Cristãos*, não no sentido de ser contra a especulação, mas de apropriar-se dela! Então, o pseudônimo *Vigilius Haufniensis*, quer dizer, o *Vigilante da Tradição Filosófica* está dizendo que especula sim, isto é, dialoga criticamente com a tradição filosófica, mas o faz para destruir o modo tradicional de compreender o homem e a realidade efetiva de forma abstrata, conduzindo o leitor atento para a tonalidade afetiva dos *Discursos* onde o homem é tratado concretamente a partir de determinações intermediárias.

É muito significativo que Kierkegaard, em *A neutralidade Armada*, explicando sua posição como autor na cristandade, escreva essa meditação – na citação abaixo – que é tão só o reconhecimento de Kierkegaard filósofo colocando-se na tonalidade afetiva do filósofo verdadeiro em meio aos acontecimentos de sua época.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

A idealidade, em relação ao fato de ser cristão, é sempre uma interiorização [=singularização]. Quanto mais a concepção dessa condição é ideal, quanto mais ela se interioriza, mais a realização torna-se difícil. O ser cristão sofre uma transformação que eu ilustrarei por uma comparação de ordem profana. Houve primeiro na Grécia os Sábios, σοφοί. Mas veio Pitágoras e com ele a determinação da reflexão relacionada ao fato de ser sábio, a reduplicação; ele nem ousou dar a si mesmo o nome de sábio, mas contentou-se com o de φιλοσοφος. Isto é um regresso ou um progresso? Não foi melhor concebido sob uma forma mais ideal o sentido e a exigência deste termo de sabedoria, de sorte que Pitágoras deu prova de sabedoria em não ousando se qualificar a si mesmo de sábio. E agora, retornemos à minha “neutralidade armada” (KIERKEGAARD, 1982a, p. 243-244, tradução nossa; OC 17).

Os filósofos no século XIX, mais precisamente após a morte de Hegel em 1831, através da esquerda hegeliana, estão pensando criticamente a relação da filosofia com o cristianismo. Os elementos dessa crítica são contra a compreensão abstrata de homem e da vinculação racional de filosofia e cristianismo. Kierkegaard entra neste debate crítico em Copenhague, escrevendo em sua língua materna e não em alemão (hoje seria o inglês!) sobretudo porque na Dinamarca predomina a forma hegeliana de fazer filosofia. Assim como Pitágoras diante da grandiosidade do ser sábio não ousou se denominar a si mesmo de sábio, mas contentou-se em ser amigo da sabedoria, isto é, filósofo, da mesma forma, Kierkegaard, diante da excelência do ser cristão, não ousa se denominar um cristão, mas se coloca na posição daquele que sabe o que de fato implica ser cristão e, portanto, vive na tensão, na *filia*, de buscar e conquistar tornar-se cristão. Assim, neste contexto, Kierkegaard atualiza a filosofia e corresponde, no século XIX, às exigências da filosofia fazendo justiça ao modo grego, filosófico, e ao modo bíblico, cristão.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Na passagem citada acima Kierkegaard mostra uma característica da comunicação indireta: a reduplicação. Diante da idealidade implicada em ser sábio porque implica sempre interiorização, singularização, apropriação, já que não se trata de uma coisa, de um *positum*, então Pitágoras muito sabiamente recusa se qualificar de sábio, mas re-duplica, quer dizer, procura efetivar, viver nisso que compreende e pensa qualificando-se de filósofo. Filósofo, pois, não é aquele que é sábio, não se julga sábio, nem muito menos tem postura de sábio. Filósofo vive no elemento da filo-sofia. Ele respira a atmosfera da escuta e obediência da voz da *sofia* para modificar sua existência, tornando-se filósofo, quer dizer, aquele que pensa e vive na harmonia e inclinação amistosa da *sofia*. Filósofo é, nesse sentido arcaico, um σοφοι, um pensador subjetivo, um amoroso. Filósofo não pensa apenas a *sofia* através do *lógos*, mas ele reduplica essa experiência encarnando em seu corpo a verdade da apropriação. Filósofo não possui a *sofia*, mas vive a experiência (*pathos*) de sua perene gestação. Essa experiência de gestação em que exige ou provoca a modificação do corpo, da existência, por causa da reduplicação implicada na filosofia, na paidéia kierkegaardiana, é retratada no Projeto Filosófico de Kierkegaard do primeiro ao segundo percurso de suas obras. Em *Sobre Minha Obra de Escritor* Kierkegaard escreve:

Tal é também [...] o *movimento* cristão. O cristão não parte da simplicidade para se tornar então interessante, espiritual, profundo, poeta, filósofo, etc. Não, é exatamente o contrário; é por este último estágio que começa, então se torna sempre mais simples, ele *vem* à simplicidade (KIERKEGAARD, 1982b, p. 265, tradução nossa, grifo do autor; OC 17).

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

Este movimento da complexidade à simplicidade, da pseudonímia à produção religiosa ou *Discursos* é a *arma* da neutralidade armada, quer dizer, é o despertar, o conduzir o homem para ser mais homem, do si mesmo tornar-se si-mesmo, da vida fazer-se Vida. Lemos em *O Evangelho dos Sofrimentos*:

Orientação no caminho da vida é algo que em verdade se oferece bastante, e não é de admirar, posto que cada desvio da rota se apresenta como sendo uma orientação. Mas enquanto os desvios são muitos, a verdade é contudo uma única, e só a única, que é o “caminho e a vida”, só uma única orientação, que em verdade conduz o ser humano pela **vida até a vida** (KIERKEGAARD, 2018, p. 79, grifo nosso).

O problema filosófico por excelência é o homem e a realidade efetiva (*Virkelighed; Wirklichkeit*) para todo e qualquer filósofo. Kierkegaard, como todo filósofo, procura – em tudo que escreve, em cada obra que desenvolve com temas específicos próprios – clarificar a cada vez o pano de fundo e a finalidade de seu *corpus philosophicus* enquanto fundamento de cada obra, a saber, a elucidação da articulação de homem e realidade efetiva, quer dizer, o movimento do tornar-se homem, si-mesmo, cristão, partindo da complexidade e repousando ativamente na concentração do essencial, no simples. “Que nos armemos de paciência” (KIERKEGAARD, 1982a, p. 237, tradução nossa; OC 17) — lemos em *A Neutralidade Armada*. É preciso, pois, ter paciência porque compreender a articulação do homem e da realidade efetiva sem cair em abstrações isto implica em reduplicação da existência, na qual vivemos no que pensamos e compreendemos. Isso nos coloca em meio às determinações intermediárias da existência. Quando nos lançamos no movimento da paidéia kierkegaardiana, de sua filosofia, para nos tornarmos o que somos, quer dizer, para cumprir a nossa possibilidade

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

mais própria, apropriando-se de si-mesmo temos que ter paciência. Paciência é um conceito importante no segundo percurso, nos *Discursos*. É preciso ter paciência para adquirirmos a nossa alma, quer dizer, paciência para tornar-se si-mesmo. É preciso paciência em meio às preocupações e aflições da vida que sempre tomam e afetam o homem e, sem a paciência, de persistir na dor de se fazer homem, experimentaremos a dor de não ter (ou perder!) um *Seh*.

Chegando ao término desta meditação gostaria de apontar para o que Kierkegaard designa de “categorias conceituais deste seu ensino” (KIERKEGAARD, 2007, p. 191; SKS 11, 42), uma distinção significativa entre “originalidade adquirida” (*erhvervede Oprindelighed*) e “originalidade imediata e primeira” (*ligefremme og første Oprindelighed*) em relação ao mestre, ao professor, àquele que tem sobre si o encargo do ensino e do ensinar. Isto porque ser mestre, ou professor, não pode, ou não deveria ter a forma do erudito ou do eunuco. No *Diário* de 1852 lemos:

Na antiguidade os filósofos eram uma força, constituíam uma força ética, um caráter. [...] O professor [no entanto] é um castrado: ele porém não se desvirilizou “por causa do Reino de Deus”: mas ao contrário, para bem acomodar-se neste mundo sem caráter (KIERKEGAARD, 1980, p. 84; D 9, 3581 [X A 450], tradução nossa).

O professor é um castrado, um eunuco porque não tem virilidade, fertilidade. Aqui não se fala de medir a fertilidade em virtude da autoridade, fama, ou conhecimento erudito. Mas de um modo de ser mestre ou professor em que de algum modo os alunos ou estudantes sentem uma força, um caráter, uma marca, um carisma a emanar e irradiar do ensinar de um mestre ou professor destituído às vezes de autoridade e mesmo quando

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

mostra-se patente sua pobreza paradoxalmente enriquece através do seu modo de ensinar. A *originalidade imediata e primeira* é, ao contrário, o modo de ser do professor ou mestre em que seu ensinar não tem reduplicação. Comunicam o que aprenderam sem a apropriação: transmitem apenas, tartareando informações. Não existe uma relação existencial entre o sujeito que transmite e o objeto transmitido. Com o autêntico professor ou mestre, em compensação, acontece a reduplicação, quer dizer, este professor ou mestre comunica o que ele apropriou.

Esta originalidade adquirida [...] é, por sua vez, simples; já que um magistério simples não depende tanto de que se empreguem expressões simples e cotidianas, nem muito menos pomposas e eruditas; **mas que a simplicidade do ensino radica no fato de que o mestre mesmo seja aquilo que ensina** (KIERKEGAARD, 2007, p. 191, grifo nosso).

Este verdadeiro professor ou mestre é um homem simples, concentrado no essencial. Seu magistério é simples e, por isso mesmo, livre porque liberto de normas, fórmulas e do desejo de exibição do saber. Está contente com o que faz por reconhecer e corroborar sua identidade nisto que faz e que não poderia não fazer. Não busca isto ou aquilo fora disto ou daquilo que já faz. É pobre e, por isso, rico. Desprendido e, por isso, livre e leve. Duro sem deixar de ser suave, terno sem ser meloso. Exerce a liderança de sua autoridade sem ser autoritário em suas exigências. Por ser um homem simples é um professor ou mestre alegre! Ele conquistou uma *originalidade adquirida*, quer dizer, seu ensino possui uma originalidade que foi adquirida, conquistada, *reduplicada* de modo que ele ensina o que ele vive e busca e, assim, ele não se limita a transmitir tartareando informações

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

eruditas, catalogações de dados, mas comunica despertando no a-luno ou estudante a arte de “saber dialogar”.

O que Sócrates [originalidade adquirida = professor autêntico] a rigor criticava nos sofistas [originalidade imediata e primeira = professor erudito], segundo sua famosa distinção de que estes decerto sabiam falar, mas não dialogar, era que podiam dizer muitas coisas sobre qualquer assunto e, não obstante, careciam do momento da apropriação. A apropriação é justamente o segredo do diálogo (KIERKEGAARD, 2010, p. 18).

O que nos cabe agora, dulcíssimo leitor (a), após este percurso e meditação da filosofia de Kierkegaard como paidéia e, portanto, depois de ter saboreado uma espécie de introdução à filosofia de Kierkegaard, é nos lançar desde a tonalidade afetiva (*Stemming*) da *busca pela simplicidade* na viagem do estudo sério de Kierkegaard para nos tornarmos filósofos. E isso não significa o esforço intelectual de tornar-se um erudito arrotando citações de estudiosos, ou falando em dinamarquês na gula intelectual por ser ao menos um “corneteiro de importância absoluta” (KIERKEGAARD, 2008b, p.19), mas o esforço para modificar a própria existência apropriando-se disto que se estuda, reduplicando-o em sua existência. Nisto está a seriedade franciscana, ops!, kierkegaardiana, sendo ao mesmo tempo irônica e muito bem humorada, nunca com feições carrancudas de alguém que se julga um σοφοι. Mas alguém que, com paciência, insiste e persiste na gestação da verdade da apropriação tornando-se apenas e por pura graça num φιλο- σοφο. *Magnificat! Nunc dimittis!*

REFERÊNCIAS

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

AGOSTINHO, Santo. De la doctrina cristiana. In: AGOSTINHO, Santo. **Obras de San Agustin. Tomo XV**. Edición bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957.

FOGEL, Gilvan. Notas a respeito da educação. In: **Rev. Filosófica São Boaventura**. v. 3, n. 1, p. 37-48, jan/jun, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Principios metafísicos de la lógica**. Traducción de Juan José García Norro. Madrid: Editorial Síntesis, 2007.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Volume Único. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Fenomenologia da vida religiosa**. Tradução de Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, e Renato Kirchner. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2010.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KIERKEGAARD, Søren. *Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen*. In: **Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk** version 1.4, 2009. (SKS 11)

_____. Sygdommen til Døden: en christelig psykologisk Udvikling til Opbyggelse og Opvækkelse. In: **Søren Kierkegaards Skrifter Elektronisk**. Version 1.7, 2012 (SKS 11).

_____. **Diario: 1851-1852**, Vol. 9. 3ª ed. A cura di Cornelio Fabro. Brescia: Morcelliana, 1980. (D 9).

_____. La dialectique de la communication étique et éthico-religieuse. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: Les Œuvres de l'amour; La dialectique de la communication étique et éthico-religieuse**. Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XIV**, Paris: Édition de L'Orante, 1980 (OC 14).

_____. La neutralité armée. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: L'École du cristianisme; La neutralité armée; Um article; Sur**

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

mon Œuvre d'écrivain. Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XVII**, Paris: Édition de L'Orante, 1982a (OC 17).

_____. Sur mon Œuvre d'écrivain. In: KIERKEGAARD, Søren. **Œuvres Complètes: L'École du cristianisme; La neutralité armée; Um article; Sur mon Œuvre d'écrivain.** Trad. Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. **Tome XVII**, Paris: Édition de L'Orante, 1982b (OC 17).

KIERKEGAARD, Søren. Point de vue explicatif de mon oeuvre d'écrivain. In: **Œuvres complètes de Søren Kierkegaard: Point de vue explicatif de mon oeuvre d'écrivain; Deus petits traités éthico-religieux; La maladie a la mort; Six discours.** **Tome XVI.** Traduction Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet Tisseau. Paris: Edition de L'orante, 1971 (OC 16).

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor:** uma comunicação direta, relatório à História. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **As obras do amor:** algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradutor Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

_____. El lirio en el campo y el pájaro bajo el cielo. Tres discursos piosos [1849]. In: **Los lírios del campo y las aves del cielo.** Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2007.

_____. **La enfermedad mortal:** una exposición Cristiano-psicológica para edificar y despertar. Traducción de Demetrio Gutiérrez Rivero. Madrid: Trotta, 2008a.

_____. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Climacus.** Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro L. M. Valls. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

_____. **O conceito de angústia:** uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.

A paidéia kierkegaardiana

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico de.

_____. **La época presente.** Introducción, traducción y notas de Manfred Svensson. Madrid: Trotta, 2012.

_____. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas:** coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol. 1. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Søren. **Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas:** coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Climacus. Vol. 2. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

_____. O evangelho dos sofrimentos. In: **Discursos edificantes em diversos espíritos:** o que aprendemos dos lírios do campo e das aves do céu; O evangelho dos sofrimentos. Tradução de Álvaro Valls, e Else Hagelund. São Paulo: LiberArs, 2018.

MARCEL, Gabriel. **Aproximación al misterio del Ser:** posiciones y aproximaciones concretas al misterio ontológico. Traducción, prólogo y notas de José Luis Cañas. Madrid: Ediciones Encuentro, 1987.

PLATÃO. **A república.** 12^a ed. Introdução, Tradução e Notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

SCHOPENHAUER, Artur. Fragmentos sobre la historia de la filosofía. In: **Parega y paralipómena:** escritos filosóficos menores. Vol. 1. Traducción de Pilar López de Santa María. Madrid: Editorial Trotta, 2006.